

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

EDSON VITOR SILVA AZEVEDO

A CRISTOLOGIA DE APARECIDA:
DO JESUS DO ENCONTRO AO DISCÍPULO MISSIONÁRIO DO PAI

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

São Paulo
2023

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP

EDSON VITOR SILVA AZEVEDO

**A CRISTOLOGIA DE APARECIDA:
DO JESUS DO ENCONTRO AO DISCÍPULO MISSIONÁRIO DO PAI**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo como exigência parcial
para a obtenção do título de Bacharel em
Teologia

Orientador: Prof. Me. Pe. Dayvid da Silva

São Paulo

2023

AGRADECIMENTOS

Meu maior agradecimento a Deus, princípio e fim de toda criação, pela eleição dada a mim, mesmo em meio às minhas misérias e fragilidades. Deus é uma realidade concreta, real e próxima. Minha vida, meu existir e agir devem estar voltados àquele que me ama e mostra o caminho da santidade. É excelso agradecer também a Virgem Maria pelo cuidado dado à minha vocação e pela qual eu a consagro.

Aos meus pais, Edson Azevedo (*in memoriam*) e Solange Aparecida, que transmitiram a fé, me motivaram e ensinaram os caminhos de Deus. Eu vos amo muito. Agradeço imensamente a minha vó materna, Irene da Silva, que cuida de mim como se fosse um filho. Não existem palavras para lhe agradecer tão preciosa ternura. Agradeço os demais familiares que me auxiliam durante de formação, em especial o meu irmão, Vinícius Antônio, minha concunhada e os meus tios – em particular, a minha tia, Sônia Murray. Eu vos amo muito.

Ao meu bispo, Dom Edmilson Amador Caetano, OCist, que é um verdadeiro pai espiritual, aos formadores do Seminário Diocesano Imaculada Conceição, em especial, ao Padre Francisco Veloso, e aos diversos membros da Igreja particular de Guarulhos por toda a amizade e apoio nessa caminha vocacional. Minha gratidão pelo carinho, amparo e fraternidade. Minha estima também a toda a comunidade do Seminário, aos irmãos que compartilham comigo suas vidas – em particular, ao Leonardo Lopes e ao Felipe de Sousa –, minha gratidão por toda

Meu agradecimento também a todos os professores e funcionários da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção (PUC-SP) pela caminhada acadêmica. E, por fim, a minha gratidão ao meu orientador, Prof. Me. Pe. Dayvid da Silva que, com grande disponibilidade e atenção, aceitou o convite de me auxiliar na construção deste projeto. Obrigado pela orientação, paciência e diligência.

*Conhecer a Jesus Cristo pela fé é nossa
alegria; segui-lo é uma graça, e transmitir este tesouro aos
demais é uma tarefa que o Senhor nos confiou ao nos chamar
e nos escolher. Com os olhos iluminados pela luz de Jesus
Cristo ressuscitado, podemos e queremos contemplar o
mundo, a história, os nossos povos da América Latina e do
Caribe, e cada um de seus habitantes*

(DAp,18)

RESUMO

AZEVEDO, Edson Vitor Silva. *A cristologia de Aparecida: do Jesus do encontro ao discípulo missionário do Pai*. 2023. 63p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Teologia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

O presente trabalho visa analisar os aspectos cristológicos presentes no Documento de Aparecida. Deveras, a mais recente publicação do CELAM é um documento voltado para ações pastorais da Igreja na América Latina e Caribe. Com efeito, é axiomático compreender que Aparecida trata-se de uma reflexão eclesiológica. O trabalho visou compreender os aspectos cristológicos redigidos em Aparecida a partir das descrições da Igreja latino-americana e caribenha concebidos na Conferência. Ampliando a percepção da relação entre cristologia e eclesiologia, o trabalho projetou aprofundar o entendimento de Jesus Cristo a partir da percepção da realidade da América Latina e do Caribe utilizando-se da pesquisa bibliográfica, além da consulta em artigos e entrevistas. Foi compreendido que em Aparecida encontra-se uma cristologia explícita na afirmação de Jesus de Nazaré como aquele, prefigurado em diversas ilustrações nas Escrituras e resultado da construção teológica, é caminho para o divino e o humano, emanção de verdade eterna e impulso para a defesa da vida. Além, a cristologia de Aparecida indica que Jesus é aquele que está presente com a comunidade, nos necessitados e na vida oracional, além da assimilação de Cristo como discípulo e missionário do Pai, do qual se configuram os cristãos. Por fim, o trabalho, com o resultado obtido, investigou a mesma cristologia de Aparecida nas resultas da Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e no Caribe.

Palavras-chave: Cristologia. Documento de Aparecida. Jesus Cristo. Discípulo Missionário.

ABSTRACT

AZEVEDO, Edson Vitor Silva. *The Christology of Aparecida: from the Jesus of the encounter to the missionary disciple of the Father*. 2023. 63p. Completion of course work (Bachelor of Theology), Pontifical Catholic University of São Paulo.

The present work seeks to analyze the christological aspects present in the Aparecida document. Indeed, CELAM's most recent publication is a document focused on pastoral actions of the Church in Latin America and the Caribbean. Indeed, it is axiomatic to understand that Aparecida is a reflection ecclesiological. The work seeks to understand the christological aspects written in Aparecida based on descriptions of the Latin American Church and Caribbean conceived at the Conference. Expanding awareness of the relationship between christology and ecclesiology, the work aimed to deepen the understanding of Jesus Christ from the perception of the reality of Latin America and the Caribbean using bibliographical research, in addition to consulting articles and interviews. It was understood that in Aparecida there is a christology explicit in the affirmation of Jesus of Nazareth as the one, prefigured in several illustrations in the Scriptures and result of theological construction, it is path to the divine and the human, emanation of eternal truth and impulse for the defense of life. Furthermore, the christology of Aparecida indicates that Jesus is one who is present with the community, in the needy and in life prayer, in addition to the assimilation of Christ as a disciple and missionary of the Father, which christians are formed. Finally, the work, with the result obtained, investigated the same christology of Aparecida in the results of the First Ecclesial Assembly of Latin America and the Caribbea.

Keywords: Christology. Aparecida document. Jesus Christ. Missionary Disciple.

SIGLAS E ABREVIATURAS

AEC	Carta apostólica <i>Ad Ecclesiam Christi</i> do Papa Pio XII
AG	Decreto <i>Ad Gentes</i> do Concílio Vaticano II
CELAM	Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho
CIC	Catecismo da Igreja Católica
DAP	Documento Final da V Conferência do Episcopado Latino-Americano em Aparecida, 2007
DD	Carta Apostólica <i>Desiderio desideravi</i> do Papa Francisco
DH	Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral
DMd	Documento Final da II Conferência do Episcopado Latino-Americano em Aparecida, 1968
DPb	Documento Final da III Conferência do Episcopado Latino-Americano em Aparecida, 1979
DPVC	Doc. de participação da V Conferência do CELAM
DSD	Documento Final da IV Conferência do Episcopado Latino-Americano em Aparecida, 1992
DSIIC	Discurso da Sessão inaugural dos trabalhos da III Conf. CELAM
DSIVC	Discurso da Sessão inaugural dos trabalhos da V Conf. CELAM
DV	Constituição Dogmática <i>Dei Verbum</i> do Concílio Vaticano II
EA	Exortação Apostólica pós-sinodal <i>Ecclesia in América</i> do Papa João Paulo II
EG	Exortação Apostólica <i>Evangelii Gaudium</i> do Papa Francisco
EN	Exortação Apostólica <i>Evangelii Nuntiandi</i> do Papa Paulo VI
FT	Carta Encíclica <i>Fratelli Tutti</i> do Papa Francisco
GS	Constituição Pastoral <i>Gaudium et Spes</i> do Concílio Vaticano II
IBI	A Interpretação da Bíblia na Igreja da Pontifícia Comissão Bíblica
LG	Carta Encíclica <i>Redemptoris Missio</i> do Papa João Paulo II
LG	Constituição dogmática <i>Lumen Gentium</i> do Concílio Vaticano II
LSB	Lineamenta do Sínodo dos Bispos para a América
SC	Constituição apostólica <i>Sacrosanctum Concilium</i> do Concílio Vaticano II
RPIAE	Reflexões da Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e Caribe

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	A IGREJA NA AMÉRICA LATINA.....	11
2.1	O histórico do CELAM.....	11
2.2	A Conferência de Aparecida	14
2.3	Uma análise crítica sobre Aparecida.....	16
2.4	Desdobramentos de Aparecida no pontificado de Francisco	19
3	JESUS CRISTO E A CRISTOLOGIA.....	22
3.1	A origem e concepções cristológica	22
3.2	Antigo Testamento e a cristologia	25
3.2.1	O messianismo profético	26
3.2.2	O messianismo régio	27
3.2.3	O messianismo sacerdotal	28
3.2.4	O messianismo apocalítico.....	29
3.3	A cristologia a partir do Novo Testamento	30
3.4	Cristologia latino-americana.....	33
3.4.1	A cristologia da Conferência do Rio de Janeiro.....	35
3.4.2	A cristologia da Conferência de Medellín	35
3.4.3	A cristologia da Conferência de Puebla.....	37
3.4.4	A cristologia da Conferência de Santo Domingo	39
4	CRISTOLOGIA NO DOCUMENTO DE APARECIDA	41
4.1	A vida de Jesus Cristo nos discípulos missionários	41
4.2	A vida de Jesus Cristo para nossos povos.....	44
4.3	A cristologia do encontro.....	45
4.4	A cristologia do discipulado.....	50
4.5	A cristologia da missionalidade	52
4.6	Cristologia de Aparecida na Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe	53
5	CONCLUSÃO.....	56
	REFERÊNCIAS.....	59

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa analisar os aspectos cristológicos presentes no Documento de Aparecida. As proposições da V Conferência do CELAM tornou-se um importante documento voltado para ações pastorais da Igreja na América Latina e do Caribe com forte influência na Igreja no continente. Todo o Documento de Aparecida se resume em compreensões eclesiológicas autorreferenciais, sempre na perspectiva de Jesus Cristo e na realidade própria do continente. Logo, axiomáticamente, no desenvolvimento de uma eclesiologia, encontra-se a corroboração de uma cristologia – mesmo que implícita.

Deveras, Aparecida foi um marco para a ação pastoral no continente latino-americano e caribenho desde a sua celebração. A abstração do “discípulo missionário” foi o arquétipo teológico para o agir da Igreja e dos adeptos de Jesus Cristo em suas devidas necessidades de evangelização. A recusa da prática de uma pastoral de manutenção nas comunidades, a ênfase ao compromisso que a ser assumido pelo laicato e a urgência na realização do movimento missionário são importantes destaques das temáticas discutidas e defendidas no Documento de Aparecida.

Conquanto, torna-se oportuno referenciar a forte influência e hodiernidade ainda presentes em Aparecida, em mais de quinze anos após a sua realização. Ainda assim, tornou-se público o interesse do episcopado latino-americano e caribenho em promover uma nova Conferência, a fim de responder os recentes anseios da Igreja no continente. O Papa Francisco, que esteve na organização da V Conferência antes de sua eleição ao pontificado, respondeu que Aparecida ainda se mantém atual e relevante para direcionar a Igreja na realidade pastoral atual na América Latina.

Um dos objetivos do presente trabalho seria, portanto, redescobrir a presença da atual teologia cristológica em Aparecida, aprofundando o entendimento de Jesus Cristo a partir da percepção da realidade da América Latina e do Caribe no documento conclusivo da V Conferência. Por conseguinte, no presente trabalho, entender-se-á a compreensão da pessoa de Jesus com as contribuições realizadas pelo CELAM e uma resposta vigente às necessidades pastorais no continente.

A metodologia empregada para explicar a temática investigativa do referido trabalho de conclusão de curso optou em primeiro resgatar todo aspecto histórico e teológico do Conselho Episcopal da América Latina, o CELAM, e das Conferências

por ela celebrada através de uma pesquisa bibliográfica. O primeiro capítulo, a exemplo, se atentou em retomar a importância da criação e da responsabilidade do CELAM, sua influência na ação pastoral do continente e a sua preocupação em aplicar o *aggiornamento* do Concílio Vaticano II nas diversas necessidades da Igreja na América Latina. Além disso, o primeiro capítulo, após expor os antecedentes das Conferências anteriores à Aparecida, historia a convocação, esquematização, desenvolvimento e celebração da V Conferência.

Considerou-se oportuno também, nesse contexto da produção do trabalho, realizar uma análise crítica com as reflexões conclusivas de Aparecida, a fim de compreender seus avanços e limites no âmbito referencial da pastoral, da eclesiologia, da missionariedade e de outras temáticas discutidas na Conferência. Ademais, julgou-se conveniente também analisar a influência da Aparecida no magistério do Papa Francisco, uma vez que, segundo o mesmo pontífice, Aparecida ainda se mantém muito atual – agora, não somente à América Latina, mas à toda universal Igreja.

O segundo capítulo discorre sobre a história da cristologia no cristianismo, sua concepção e sua influência na teologia até os tempos atuais. Para entender a compreensão cristológica em Aparecida, o presente trabalho realizou um resgate da construção do entendimento sobre a pessoa de Jesus Cristo desde as comunidades primitivas e as suas percepções de Jesus prefigurado nos textos verotestamentários, como também da inteligência da cristologia dos primeiros cristãos. Determinou-se apropriado também não somente realizar um retrospecto das cristologias desenvolvidas ao longo das eras da teologia cristã, mas permitir um destaque particular às cristologias presentes nas Conferências celebradas no continente latino-americano como um instrumental para assimilar melhor Aparecida.

Com efeito, a já citada intrínseca correlação entre a cristologia e a eclesiologia tornar-se-á evidenciada no terceiro capítulo do trabalho, uma vez que se compreenderá a cristologia presente e desenvolvida no Documento final de Aparecida. Recordamos que a temática geral própria da V Conferência já se remetia à pessoa de Jesus Cristo – tema esse elencado em “discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida” – e a referência do “discípulo missionário” há de ser constante para entender-se a experiência do encontro com Jesus. Assim, para melhor interpretar a cristologia de Aparecida, determinou-se melhor analisar cada capítulo do Documento final e aprofundar a cristologia em pontos-chaves da teologia contida nas reflexões propostas pelo CELAM à V Conferência. Por

fim, o trabalho trará uma investigação das conclusões da Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe e analisará a influência de Aparecida e de sua cristologia nas reflexões pastorais nela contida.

2 A IGREJA NA AMÉRICA LATINA

Imprescindível ao se trabalhar com o Documento de Aparecida é realizar um resgate da história do próprio Conselho Episcopal da América Latina e do Caribe (CELAM) – surgido anteriormente à celebração do Concílio Vaticano II. Ocorre que, em 1955, a partir da carta apostólica *Ad Ecclesiam Christi* do papa Pio XII, reuniu-se na capital do Brasil à época, bispos de diferentes países e realidades latino-americanas que refletiram sobre algumas problemáticas eclesiais – entre elas a escassez e preparação do clero e a evangelização como defesa da fé, dado o avanço do protestantismo e da maçonaria no continente, em urgências denominadas pelo papa como “graves e sempre crescentes problemas da Igreja latino-americana (AEC,2). Estava, assim, convocada a Primeira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada no Rio de Janeiro, no período de 25 de julho a 4 de agosto de 1955 – e, com efeito, todo uma histórica comunhão entre as Igrejas particulares do continente, a fim de dinamizar profundamente as práticas pastorais e as ações de evangelização na desafiante América Latina.

2.1 O histórico do CELAM

A notável relação convencionalizada entre a Conferência do Rio de Janeiro e a eclesiologia do Vaticano I dá-se não somente em alguns debates manifestados, mas nas suas próprias resoluções. A exemplo, quando compreendido o avanço dos adeptos protestantes no continente latino-americano, a Conferência interpreta que “um conhecimento superficial da doutrina permite que os inimigos da fé plantem suas dúvidas para acolher a indiferença, a apostasia e a irreligiosidade” (SOUZA, 2022, p.385). Logo, “era necessário e urgente articular, coordenar e organizar as forças do catolicismo latino-americano” (ALMEIDA, 2018, p.36).

Deveras, o tema social – tão presente e tão urgente nas discussões futuras do CELAM – não obteve muito cuidado no Rio de Janeiro, salvo a reflexão ocorrida no capítulo III do documento final. Destacou-se, no entanto, os posicionamentos de Dom Ramon Bogarín, de Dom Manuel Larraín e de Dom Hélder Pessoa Câmara, com posturas proféticas quanto a temática dos marginalizados do continente e ação socio-transformadora do Evangelho. Dessa forma, no Rio de Janeiro,

“a preocupação era quase exclusivamente intraeclesial, afirmando de modo um tanto apologético a Igreja diante do mundo e das outras religiões. Mesmo que haja pequenas frases que indicam uma possibilidade de preocupação pastoral, elas não dão a tônica do documento, que, por isso mesmo, não fez história mais significativa no seio da Igreja latino-americana” (MANZATTO, 2006, p.4).

A grande contribuição que pode se considerar da I Conferência é a criação de um conselho episcopal, a fim de estudar temáticas pertencentes à Igreja na América Latina¹, além de promover, coordenar e sustentar as obras católicas no continente – entre elas, a preparação e organização de futuras conferências. Conclui-se, portanto, que “o trabalho que ficou, como grande destaque, desta Conferência [do Rio de Janeiro] foi a formalização de um pedido para a criação de um Conselho Episcopal Latino-americano, (...) que dinamizou profundamente as atividades da Igreja na América Latina” (FONSECA, 2009, p.9). Era aprovada, assim, em 2 de novembro de 1955 pela Santa Sé, o Conselho Episcopal da América Latina e do Caribe, com sede em Bogotá, na Colômbia. Fato esse que mudaria a eclesiologia latino-americana e, por consequência, a cristologia no continente.

A presença da Igreja Católica na América Latina data de um pouco mais de quinhentos anos com influência profundamente europeia, seja pela piedade popular, como também sua presença no cotidiano dos indivíduos. Diante desse desafio, era de esperar que as urgências do episcopado latino-americano deveriam distinguir das demandas eclesiais europeias – de modo especial, das convicções socioculturais e teológicas de Roma. Como visto, a Conferência do Rio de Janeiro abordou algumas urgências presentes no continente, mas tratou do âmago dos problemas próximo dos povos americanos. Tal premissa tornar-se-á possível com a celebração do Concílio Vaticano II, dado na cidade-sede do catolicismo de 1962 a 1965, na convocação do papa São João XXIII – e posteriormente concluído por São Paulo VI –, da qual a Igreja converteu a sua própria compreensão eclesiológica – o chamado *aggiornamento* – e, com efeito, de suas inspirações reflexivos teológicos, espirituais e pastorais.

Com o Vaticano II, o CELAM deveria construir a recepção criativa nos cenários problemáticos da América Latina e do Caribe, proporcionando um próprio *aggiornamento* da Igreja latino-americana, dada as reflexões e desígnios dos padres

¹ Na formalização da autorização do pedido de criação do CELAM à Santa Sé, os bispos elencam que nas funções do futuro Conselho Episcopal haveriam as de “estudar os assuntos que interessam à Igreja na América Latina; coordenar as atividades; promover e ajudar obras católicas; e prepara novas conferências do episcopado” (DCE, 97).

conciliares. Dá-se a impressão de que as pautas ignoradas no Rio, seriam, enfim, valorizadas nas futuras conferências.

Além disso, “a América Latina e o Caribe tem o discutível privilégio de serem as regiões mais desiguais do mundo. Os níveis de pobreza e desigualdade parecem aprofundar-se ainda mais nos momentos em que muitas das economias atravessam períodos de crescimento” (VILLAMÁN, 2006, p.95). Os bispos não queriam se calar diante de tal agravante e vigente situação. Na articulação do CELAM, convoca-se a Conferência de Medellín – três anos após o Concílio Vaticano II – em que “pela primeira vez, o catolicismo tomou, de maneira efetiva, consciência da gravíssima situação de injustiça social e com voz profética criticou uma situação de violência institucionalizada” (SOUZA, 2022, p.407).

De fato, a Conferência de Medellín não foi só uma recepção fiel do Vaticano II, mas foi também sua aplicabilidade criativa no continente – de modo particular, com a posicionamento dos pobres no centro das preocupações da Igreja latino-americana. Inaugurada pelo papa São Paulo VI em 1968, a Conferência de Medellín objetivou as temáticas sobre a justiça, educação, a colegialidade, a paz, a família, as estruturas eclesiais e a pobreza de forma audaciosa, corajosa e prática. Com efeito, Medellín “a Igreja na América Latina assumia o processo conciliar como projeto de renovação a ser colocada em prática em toda Igreja continental e como um chamado a ser presença solidária e profética na sociedade em transformação” (PASSOS, 2018, p.128) – de forma especial, aos pobres e injustiçados.

O evento Medellín foi vivido na Igreja na América Latina, porém, tempos difíceis ocorreram na política e na sociedade com ditaduras e governos totalitários assolando os países do continente. Era necessária mais uma conferência do CELAM para responder os novos anseios da Igreja e dos povos latino-americanos. Convocada por São Paulo VI e aberta por São João Paulo II, a III Conferência reuniu autoridades eclesiais entre os dias 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979 na capital na cidade mexicana de Puebla. Com base na *Evangelii Nuntiandi*,

[...] a mensagem teológico-pastoral de Puebla supõe a revisão geral da vida da Igreja na América Latina, assumindo e prolongando o dinamismo de Medellín [...] Evangelização libertadora do pecado e social, que leva à comunhão e participação, primeiro dentro da Igreja (Corpo de Cristo e Povo de Deus) e, em seguida, pela presença dos cristãos em uma sociedade secular, dentro da qual a Igreja é sinal e fermento dessa comunhão e participação que deve ser concretizada

[...] em opções pastorais que expressam a predileção eclesial pelos pobres e oprimidos (KELLER, 2018, p.87).

Por consequência, a Conferência de Puebla destacou o urgente desafio da defesa e da proclamação da dignidade da pessoa humana, como também de seus direitos fundamentais, à luz de Jesus Cristo. A reflexão da III Conferência também se destaca a busca pela participação e comunhão na Igreja e na sociedade, em vista a chegar em uma verdadeira e autêntica libertação – da qual surge o modelo de ação evangelização prestado pelas comunidades eclesiais de base.

Por fim, realizou-se nos dias 12 a 28 de outubro de 1992 – aos 500 anos da chegada dos europeus nas Américas – a IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Santo Domingo, na República Dominicana. A pedido do papa São João Paulo II, Santo Domingo deu continuidade aos trabalhos das Conferências anteriores, agora com um olhar para a promoção humana, seja pelas diversas culturas presentes no continente, seja pelos desafios e propostas da nova evangelização a ser realizada com os povos das terras do Novo Mundo.

2.2 A Conferência de Aparecida

Poucos anos após a Conferência de Santo Domingo, São João Paulo II convocou, em 1997, o Sínodo das Américas em Roma – publicando a Exortação Apostólica *Ecclesia in América* dois anos após a assembleia sinodal – dirigindo atenções “sobre as problemáticas da nova evangelização em duas partes do mesmo Continente tão diversas entre si pela origem e pela história, e sobre as temáticas da justiça e das relações econômicas internacionais, tendo em conta a enorme disparidade entre Norte e Sul (EA,2)”.

Mesmo com as exortações sinodais, o CELAM convenceu a Santa Sé sobre a importância de se realizar demais conferências episcopais no continente. Aceita a proposta, João Paulo II aprova a realização da V Conferência Geral e, posteriormente, Bento XVI reconfirma-a, designando para ser realizada no Brasil, no Santuário de Aparecida, mesmo o pontífice não apresentando motivos pela opção dessa localidade². Para a sua realização, a Conferência de Aparecida desencadeou um

² “Estavam em cogitação outros lugares para a conferência — Equador, Chile e Argentina. A escolha do Brasil causou surpresa, e o papa não apresentou razões. Surgiram especulações. Aparecida, por ser santuário mariano de renome mundial, dava à V Conferência um cunho internacional para além do fato de se realizar em terras brasileiras. Num momento de firmar a identidade católica, um santuário

extensivo processo de preparação, a começar pela escolha do tema. Com efeito, “o CELAM escolheu [o tema] e apresentou-o ao papa, que retocou a formulação, reforçando-lhe o caráter cristológico: ‘Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida – ‘Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida’ (Jo 14,6)” (LIBANIO, 2008, p.21).

Quanto ao que seria trabalhado, a Comissão Central do CELAM elaborou um documento de participação, a fim de articular a Conferência, destinando às bases eclesiais – como as comunidades, institutos, movimentos e outros grupos organizados pela Igreja – o conteúdo das temáticas a serem refletidas. Dos cinco temas propostos, nos atentaremos ao quinto³ - dado o tema escolhido para esse trabalho – do qual se refere à urgência de Jesus Cristo.

Aqui, já podemos sinalizar os aspectos cristológicos nas reflexões de Aparecida. Segundo o documento de participação, as comunidades eclesiais foram convocadas a contemplar sobre a pessoa de Jesus, missionário do Pai –e “sabendo que [ele] é o Caminho, a Verdade e a Vida para todos” –, devem “refletir sobre a formação e sobre a missão dos discípulos e missionários de Jesus Cristo (...) em relação a suas tarefas na Igreja e na sociedade, com um objetivo preciso” (DPVC,170) – objetivo esse de caminho da evangelização feito pelo discipulado cristão.

Passados os trabalhos preparatórios, foi fixada para ser iniciada no dia 13 de maio de 2007, com a presença de cardeais da Cúria Romana, de bispos do continente, além de convidados de outros países, como também de assessores de novos movimentos eclesiais e observadores de outras confissões religiosas, a V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, com a abertura realizada por Bento XVI na cidade com o maior santuário mariano do mundo. Em Aparecida, o papa, no discurso da sessão inaugural da Conferência, elenca os apontamentos que os trabalhos do CELAM deveriam ser outorgados: “Esta V Conferência Geral celebra-se em continuidade com as outras quatro que a precederam”, recordou o pontífice no início do seu discurso, “para [que os povos da América Latina] sejam luz do mundo e testemunhas de Jesus Cristo com a sua própria vida” (DSIVC,2).

mariano vinha a propósito. Havia também o reconhecimento do tamanho e da significação pastoral da Igreja no Brasil” (LIBANIO, 2008, p.21).

³ Os demais temas referem-se aos desafios do mundo e da Igreja no terceiro milênio, como a missão, a evangelização dos povos e a inculturação.

O termo chave de Aparecida – o conceito discípulo missionários⁴ – além de ser expressado no tema da Conferência, foi enfatizado demasiadamente por Bento XVI no seu discurso inaugural, uma vez que “em virtude do seu batismo, [os cristãos] são chamados a ser discípulos e missionários de Jesus Cristo. Isto requer segui-lo, viver em intimidade com Ele, imitar o seu exemplo e dar testemunho” (DSIVC,13).

O discípulo missionário, seguindo as orientações do pontífice, seria aquele que se coloca próximo ao seu Mestre, na realidade em que vive, reconhecendo a Deus pela fé e no encontro com os irmãos, principalmente os menos favorecidos. As palavras do papa consideram que, por essa metodologia, experimenta-se a Cristo, com uma presença divina e humana conjuntamente, uma vez que “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com a sua pobreza” (DSIVC,14). Em resumo, segundo Bento XVI, “discipulado e missão são como os dois lados de uma mesma medalha: quando o discípulo está apaixonado por Cristo, não pode deixar de anunciar ao mundo que somente Ele nos salva (DSIVC,20)”.

Além do discurso de inauguração do papa e do documento de participação, Aparecida contou com as contribuições dos pronunciamentos dos presidentes das Conferências episcopais, de representantes da Santa Sé e da síntese dos grupos de trabalhos como fonte para o conteúdo final do documento. Vale citar a eleição do Cardeal Jorge Mario Bergoglio para presidir a importante comissão encarregada de elaborar o documento final da Conferência⁵.

Conquanto, designou-se que o propósito geral da Conferência seria de impulsionar “a ação evangelizadora da Igreja, chamada a fazer de todos os seus membros discípulos e missionários de Cristo, Caminho, Verdade e Vida, para que nossos povos tenham vida n’Ele” (DAp,1).

2.3 Uma análise crítica sobre Aparecida

Em entrevista para a Revista IHU On-Line, Clodovis Boff relata que “O Documento de Aparecida é, a nosso ver, o ponto mais alto do Magistério da Igreja

⁴ A expressão “discípulo missionário” aparece mais de cento e cinquenta vezes no Documento de Aparecida.

⁵ À época, o futuro Papa Francisco era cardeal arcebispo de Buenos Aires e presidente da Conferência Episcopal da Argentina.

latino-americana e caribenha. É o melhor documento produzido até hoje pelos nossos bispos e talvez por qualquer outro episcopado regional” (BOFF, 2008). Para ele,

“o documento apresenta uma estrutura teológica e pastoral harmônica bem centrada, [a partir] da fé viva em Cristo em uma experiência de encontro, fé essa que se irradia no mundo em forma da missão e que se prolonga na sociedade em termos de compromisso pela justiça e pela vida”. Razões para isso dá-se na construção teológica e pastoral sobre a pessoa de Jesus Cristo realizadas durante a Conferência⁶ (BOFF, 2008).

É imprescindível ao mencionarmos Aparecida e não falar sobre o conceito que iluminou os trabalhos nas diferentes Igrejas locais do continente: a definição e o sentido de ser discípulo e missionário de Jesus Cristo. Para a V Conferência, o discipulado e a missionariedade são compreensões correlatas, das quais condiz o ultimato “essencial da evangelização, em que inclui a opção preferencial pelos pobres, pela promoção humana integral e a autêntica libertação cristã” (DAp,146). Além disso, “Jesus, ao mesmo tempo em que nos faz discípulos seus, envia-nos a defender e promover a vida de todos, expressão do Reino de Deus: trata-se de um discípulo missionário – a vocação ao discipulado é ‘con-vocação’ à missão” (BRIGHENTI, 2008, p.79).

Aparecida ainda exorta para a condição da Igreja em estado permanente de missão. Para isso, a Conferência chamou-nos a atenção para a necessidade de desinstalar-se do comodismo pastoral, estacionável e tibia. É preciso converter as estruturas eclesiais, na transformação da arcaica conservação para uma pastoral efetivamente missionária. Decerto, “é muito significativo que o Documento de Aparecida, como nenhum outro até agora, tenha colocado o dedo na ferida da pastoral, pois ao falar da conversão pastoral e renovação das comunidades” (CONRADO, 2008, p.76). Nesse sentido, segundo o teólogo latino-americano Pablo Richard, em Aparecida, “recuperou-se o sentido de ser Igreja local, com um espírito mais livre, criativo e autônomo, de comunhão com a Igreja universal e a autoridade máxima do bispo de Roma (RICHARD, 2008, p.90-91) – a missão necessita da dinamicidade típica latino-americana para a realidade latino-americana.

⁶ A aproximação da missão da Igreja com a missão e as singularidades de Jesus é explícita nas declarações de Aparecida, em especial nas partes II e III do documento final.

Outrossim, Aparecida recupera o método “ver, julgar e agir” – abolido na IV Conferência de Santo Domingo⁷. A aplicação da metodologia legitimamente latino-americana, atua como uma forma específica de analisar, refletir e se posicionar pastoralmente na transformação da realidade vivida. Tal prática não deve considerar somente a realidade própria a ser discernida – chama-nos a atenção o documento –, mas a realidade torna-se instrumental para agir, a partir de sua fé e da razão, com sentido crítico (DAp, 19-20). Assim, a metodologia elencada impulsiona o proceder cristão não como “um abandono da realidade urgente dos grandes problemas econômicos, sociais e políticos da América Latina e do mundo, e muito menos fuga da realidade para um mundo exclusivamente espiritual” (DAp, 148).

Por fim, passados mais de quinze anos após a realização de Aparecida, muitos entusiastas ressaltam a importância das resoluções propostas na V Conferência. Entre eles, estão as opiniões de Mario de França Miranda de que em Aparecida ocorreu “uma tomada de consciência mais ampla de que a época da cristandade já passou, de que a Igreja não pode se limitar a uma pastoral de manutenção do que já tem e de que (...) ela deve ter uma postura mais ativa na proclamação de sua mensagem” (MIRANDA, 2007, p.8); e de Emilio Aranguren, que acredita que Aparecida seja “um novo Pentecostes para o continente, um novo Pentecostes do Alasca à Terra do Fogo – a experiência de Pentecostes é referenciada pelo menos seis vezes de forma explícita” (ARANGURENA, 2022, p.5).

Mesmo dada a sua importância, em entrevista, o cardeal Álvaro Leonel Ramazzini declara que, não obstante entre as potencialidades dadas pelo documento final, Aparecida não apresentou todo o resultado esperado no continente. Isso porque, segundo o referido prelado, muitos católicos nem sabem da existência do documento final: “isso é grave e denota a incompetência de nós, pastores, bispos e padres, em sermos os melhores propagandistas do referido documento – evidencia Ramazzini – “além disso, embora se tenha procurado utilizar um vocabulário simples e bastante compreensível, o documento necessitou de explicações que desenvolvam as suas afirmações” (RAMAZZINI, 2022, p.4).

Igual questionamento faz Brighenti ao dizer que Aparecida não conseguiu responder algumas inquietações das Igrejas latino-americanas – e quando a fez, realizou com contrapontos. O mesmo indica que

⁷ Recordamos que o método “ver, julgar e agir” é um método indutivo presente na *Mater et Magistra*, de São João XXIII, ratificada na *Gaudium et spes*, do Concílio Vaticano II.

para que as CEBs entrassem como “lugar de estruturação inicial da Igreja”, o texto registrou também a importância dos movimentos; para que voltasse o método ver-julgar-agir, teve de se aceitar que a parte do “ver” começasse com uma profissão de fé; para que a mulher fosse destacada como protagonista na Igreja e na sociedade, teve também de se afirmar seu papel no lar, como mãe de família; para que os religiosos fossem reconhecidos em seu profetismo e inserção nos meios mais pobres, teve de reconhecer a importância da “nova comunidades de vida” (BRIGHENTI, 2007, p.73-74).

Conquanto, devemos considerar o grande impulso pastoral que a V Conferência realizou em todo o continente. As ações das comunidades que deixaram-se conduzir pelo Pentecostes de Aparecida resultaram na vivência de um cristianismo missionário, associando-se a Jesus Cristo, na formação de discípulos, que levam o amor de Deus a todos os povos – em especial aos mais pobres – e promovendo, assim, a elevação da dignidade da promoção humana. O papa Francisco nos exorta ainda redescobrirmos Aparecida para que, por efeito, vivermos como discípulos missionários de Cristo, “para que nele nossos povos tenham vida”, como exorta o tema da Conferência.

2.4 Desdobramentos de Aparecida no pontificado de Francisco

Antes mesmo de falarmos sobre as consequências de Aparecida na vivência pastoral, teológica e pontifícia de Francisco, é necessário salientarmos a presença do cardeal Jorge Mario Bergoglio na articulação da V Conferência do CELAM. Durante a realização de Aparecida, as manhãs de trabalho iniciavam-se com a celebração da Santa Missa, juntamente com a participação dos fiéis e peregrinos no Santuário. No dia 16 de maio, o cardeal Bergoglio, já eleito como responsável para a comissão redacional das conclusões da Conferência, presidia a Eucaristia. Em entrevista para a Revista IHU On-Line, Diego Faria relata que na homilia, invocando a figura de São Turíblio de Mogrovejo, patrono do episcopado latino-americano e mediador da inculturação com os indígenas, o futuro pontífice foi enfático dizendo que

“Não queremos ser uma Igreja autorreferencial, mas missionária, não queremos ser uma Igreja gnóstica, mas uma Igreja adoradora e orante. Nós, povo e pastores que constituímos esse santo povo fiel de Deus, que tem a infalibilidade da fé, juntamente com o Papa, nós, povo e pastores, dialogamos com base no que o Espírito nos inspira, oramos juntos e construímos a Igreja juntos, ou melhor, nós somos instrumentos do Espírito que a constrói” (FARIAS, 2017).

No final da reflexão, uma surpresa: a assembleia reunida – bispos e fiéis – aplaudiram as palavras arrebatadores de Bergoglio⁸. Era como se as diretrizes apontadas pelo cardeal argentino na homilia, tão discutidas pelos participantes de Aparecida, seriam chancelados pelo povo latino-americano ali presente.

Conquanto, “naquela ‘homilia aplaudida’, que o cardeal Bergoglio escreveu de madrugada, podemos descobrir, de modo surpreendente, a fonte remota do seu pontificado” (FARIAS, 2017). Com efeito, os importantes documentos do pontificado de Francisco sempre referenciam o Documento de Aparecida, aparecendo, a saber, citado nove vezes na *Evangelii Gaudium*; duas vezes em *Laudato Si’*; uma vez em *Fratelli Tutti* – e sua citação *ipsis litteris* “opção pelos pobres deve conduzir-nos à amizade com os pobres” (DAp,398; FT,234) –; cinco vezes em *Querida Amazônia*.

Além das citações, Aparecida aparece implícita na teologia de Francisco. A exemplo, refletindo os frutos das articulações do CELAM no continente, o papa realiza, no início de seu pontificado, um novo impulso às Conferências, visando já o importante diálogo e participação – vivência essa presente em seu ministério e com forte influência do Vaticano II –, no desejo de que “as conferências episcopais se considerem como sujeitos de atribuições concretas, incluindo alguma autêntica autoridade doutrinal” (EV,32). Em *Laudato Si’*, observamos o desenvolvimento da ecoteologia de Francisco, inspirando-se nas fortes temáticas sobre a questão ambiental, das mudanças climáticas e da exploração indiscriminada dos recursos da natureza, já refletidas outrora em Aparecida⁹.

Por certo, torna-se compreensível o quanto Aparecida foi influenciada por Bergoglio; e como Aparecida influencia o pontificado de Francisco. Chama-nos a atenção como que um entusiasta cardeal argentino coordenou os trabalhos da Conferência, em sua fidelidade ao Magistério e toda a trajetória do CELAM, e, na observância das urgências e necessidades dos povos latino-americanos, direcionou o resultado esperado em Aparecida. Parece-nos, assim, que a V Conferência é fruto das exigências eclesiais – em particular, a do continente latino-americano – que prefigura a Igreja de Francisco, que persiste em configurar integralmente os batizados

⁸ Em entrevista, Farias ainda relata que “o aplauso – que nunca tinha sido verificado antes e que não se repetiu nas homilias posteriores [durante a V Conferência] – despertou em muitos a consciência de que tinha sido dito algo importante e que o povo fiel de Deus tinha entendido” (FARIAS, 2017).

⁹ A questão ambiental no Documento de Aparecida é discorrida no capítulo 9 do texto conclusivo.

em discípulos e missionários de Jesus – elementos basilares expostos em Aparecida e presentes na enfática colocação de Bergoglio em rogar por “uma Igreja em saída”.

Por consequência, ressalta-se como o pontificado de Francisco aplica o resultado de Aparecida em sua teologia e em suas ações à frente da Santa Sé, direcionando a Igreja universal às similares carências que os bispos latino-americanos manifestaram em Conferência. Temas como a conversão pastoral, a nova evangelização, a missionariedade, as respostas para os desafios do mundo contemporâneo, a comunhão e a unidade entre os cristãos, a paz, o diálogo, a promoção da dignidade da pessoa humana e outras asserções fazem parte do âmago das mensagens propagadas por Francisco em suas homílias, exortações e ações e que também estão presentes nos trabalhos da V Conferência. Em suma, pode-se entender como encontramos Aparecida na atuação do pontífice de origem latino-americana; e como o encontramos dentro do conteúdo de Aparecida.

3 JESUS CRISTO E A CRISTOLOGIA

Jesus Cristo, “luz dos povos (LG,1)” e “o único Libertador e Salvador” (DAp,6) – mediador histórico da relação do Pai com a humanidade, da qual revela a verdade divina e do qual compreendemos a realidade humana em todas as suas dimensões, uma vez que se professa sua particular condição hipostática¹⁰, torna-se o evento da união perfeita de Deus com toda a humanidade. Por efeito, a relação pessoal com Jesus torna-se parte necessária para a existência cristã e, por consequência, com sua Igreja, de modo que a realidade humana se torna presente na realidade salvífica com toda a sua integridade, na qual Deus se encarna, se manifesta e se concilia com o próximo.

Chama-nos a atenção que “já no tempo de Jesus, procuraram as pessoas interpretar a Sua figura por meio da aplicação de categorias que lhes eram conhecidas e que deveriam assim decifrar o seu mistério” (RATZINGER, 2020, p.271). Surge assim a cristologia como um instrumental teórico para compreender, assimilar e conhecer sobre a pessoa de Jesus Cristo. Com efeito, “a cristologia encerra um paradoxo: de um lado, encontramos Deus no homem Jesus; do outro, o Pai permanece além do próprio Jesus” (DUPUIS, 1999, p.11) e, para bem empregar-se nessa proposta teológica, utiliza-se da Sagrada Escritura, das informações históricas oriundas de investigações progressivas e da adoção de uma metodologia subjetiva e interpretativa na tentativa de apreender sobre Jesus de Nazaré.

3.1 A origem e concepções cristológica

Preliminarmente, deve entender que, no núcleo central da cristologia, encontra-se a figura de Jesus, com a sua vida e sua prática, na fé expressa pelos discípulos após a experiência pascal. Na realidade, a partir do estudo da pessoa do Cristo, de sua significação e ação, almeja-se compreender a manifestação da Encarnação e, por efeito, da divinização do homem e a humanização de Deus.

Sobre a cristologia, *a priori*, entende-se que não exista uma compreensão de Cristo de uma única autenticidade ou até mesmo axiomática, uma vez que “o lugar

¹⁰ Conforme o Catecismo da Igreja Católica, 467. A melhor saber, a Igreja professa na mediação e essência que “Jesus é inseparavelmente verdadeiro Deus e verdadeiro homem. É verdadeiramente o Filho de Deus feito homem, nosso irmão, e isso sem deixar de ser Deus, nosso Senhor” (CIC, 469).

mais adequado para fazer teologia será o lugar em que Jesus se manifesta de modo especial, porque o Pai assim o quis, e será o lugar mais apto para a vivência da fé em Jesus e para a correspondente práxis de seguimento” (SOBRINO, 2007, p.354). Dessa forma, sendo que a própria teologia é construída não de um indeterminismo histórico ou espiritual, mas a partir de realidades concretas, pessoais, culturais, sociais e existenciais, os instrumentos conceituais teológicos que se pode utilizar a partir de Jesus Cristo tornam-se instrumentos conceituais contingentes¹¹ e, por consequência, uma vez que “Deus não faz cristologia – como tampouco teologia – e, sendo as cristologias construções humanas, devem ser assumidos como o que são: produtos humanos e, portanto, elaborações sociais, de natureza cultural, como o próprio ser humano” (VIGIL, 2007, p.342).

Por esse pressuposto, com base no pensamento rahneriano, a busca pelo evento Jesus na história culmina na compreensão de que “o cristianismo entende-se realmente como processo existencial, ou seja, como o que chamamos de relação pessoal com Jesus” (RAHNER, 1989, p.360). A assimilação desse processo existencial no cristianismo de Rahner imputa de que na realidade humana de Jesus tornar-se-á possível a conciliação e assimilação da humanidade para com Deus e, para isso, faz-se necessário utilizar-se do instrumental da “realidade pessoal com Jesus Cristo por via ascendente, ou seja, partindo de baixo para cima, partindo da singular unidade entre o amor concreto para com o próximo e o amor para com Deus” (RAHNER, 1989, p.360).

Por conseguinte, pode-se comparar a cristologia construída a partir de baixo, das bases, contemplada a partir da realidade vivida, como “uma cristologia que, partindo do homem e da sua autocompreensão, procura alcançar uma compreensão da encarnação de Deus” (WEGER, 1981, p.160) como aquela que reflete a própria realidade do indivíduo, uma vez que – conforme expressa o Concílio Vaticano II – “não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no coração de Cristo” (GS,1). A construção cristológica seria, portanto, realizada na análise da realidade da qual vivemos, extrairmos as suas proposições teológicas da pessoa de Jesus.

¹¹ O teólogo latino-americano José María Vigil utiliza do conceito na cristologia de “instrumentos conceituais contingentes”. Segundo ele, por mais correta que uma inferência cristológica possa ser construída, ela será restringida, determinada por uma limitação ontológica da contingência. (VIGIL, 2007).

Precisamente, a partir do evento Jesus encarnado, surgem as elaborações cristológicas a fim de compreender o sentido e o porquê de Jesus Cristo na história. Isso ocorre visto que “toda cristologia se desenvolve dentro de uma determinada situação histórica, articulando-se com as diferentes aspirações históricas e também com as diferentes mediações” (FERRARO, 2004, p.35) – conforme anteriormente aqui fora salientado. Com efeito, diferentes realidades constroem diferentes concepções cristológicas, a partir das elaborações interpretativas de seus instituidores¹².

Ao longo dos tempos, as mais diferentes cristologias construídas trouxeram um destacável atributo de evidência teológica presente nas Escrituras: na tentativa de responder sobre a identidade de Jesus, quase nunca se retratou de sua pessoa sem que, ao mesmo tempo, retratasse a sua obra¹³. Salienta-se essa abstração no emblemático questionamento de Jesus aos seus discípulos sobre quem ele era, surgindo, assim, a problemática cristológica que a própria comunidade cristã tentará decifrar¹⁴. Na resposta, com efeito,

constatamos que entre o povo e os discípulos se davam diversas respostas e que todas se expressam por títulos conhecidos, cada um dos quais designa uma função, uma obra a realizar. Todas estas respostas têm isto em comum: que não se limitam a colocar Jesus em uma categoria humana, mas que buscam, ademais, explicar o que há de único nele (CULLMANN, 2001, p.22-23).

A resolução dada por Pedro na perícopé bíblica pode ser considerada como que a primeira afirmação da cristologia. Deveras, a resolução petrina compilada titularizou a experiência do discípulo com Jesus ao dizê-lo que ele era “o Cristo, o Senhor, Filho de Deus¹⁵” (Mt 16,17; Mc 8,29b; e Lc 9,20b). Nesse contexto, poder-se-á entender que a própria expressão Jesus Cristo se tornara uma formulação de uma afirmação cristológica, uma vez que, pela confissão de Pedro de que “Jesus é o Cristo” (Mc

¹² A exemplo, “K. Rahner procurou colocar a cristologia no mais amplo horizonte de uma compreensão de mundo, do homem e da história. W. Pannenberg apresenta a vantagem de ter tentado construir uma cristologia sistemática partindo da história concreta de Jesus; [...] J. Moltmann acentuou o papel de Jesus histórico, a importância do pecado, mesmo estrutural, para compreendê-Lo, e uma hermenêutica da práxis” (SOBRINO, 1983, p.43-44).

¹³ Vide, no prólogo do Evangelho de João, famoso por ser um tratado cristológico, ao dizer que “o Verbo estava com Deus e era Deus”, se acrescenta que, pelo “Verbo”, “todas as coisas foram feitas”, como que significando de que Jesus seria o mediador de todas as coisas. Consta-se, portanto, que “quando o Novo Testamento pergunta ‘quem é Cristo?’ isto não significaria jamais, exclusiva e principalmente ‘qual a sua natureza?’, mas, antes de tudo, ‘qual a sua função?’” (CULLMANN, 2001, p.20).

¹⁴ Indagação de Jesus presente em Mt 16,13-17; Mc 8,27-30; e Lc 9,18-21.

¹⁵ Factualmente, esses três títulos formam a essência da fé cristológica da Igreja primitiva.

8,17b), desenvolveu-se semanticamente para “Jesus, o Cristo” e, subsequentemente, para “Jesus Cristo”. Assim, “a palavra interpretativa tornou-se nome e, nessa palavra se encontra uma profunda afirmação: Ele está completamente unido à sua missão [...] e a sua missão tornou-se parte do seu ser” (RATZINGER, 2020, p.271).

A partir da propagação do cristianismo, ampliou-se também as formulações humanas sobre o Deus-Homem: “foi o que fez a própria comunidade das origens, esforçando-se por ler a história do Nazareno ‘segundo as Escrituras’, isto é, na tradição da fé e da esperança de Israel” (FORTE, 1985, p.65). Isso porque a concepção da missão de Jesus estava inicialmente na manifestação messiânica prometida anteriormente ao povo judeu¹⁶ e de que se observa que, para compreender as proposições cristológicas primitivas, é necessário assimilar sobre a terra, o povo e o entendimento religioso do tempo de Jesus.

3.2 Antigo Testamento e a cristologia

A São Jerônimo, grande tradutor e Doutor da Igreja, é tradicionalmente associada a citação de que “ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo”. Historicamente, Jesus é um hebreu nascido e formado com a religiosidade de seu povo – ele vivia na profissão do Deus de Israel. Para entender as noções cristológicas é necessário realizar um resgate da compreensão de Jesus à luz dos messianismos verotestamentários, uma vez que, “na tradição cristã, a tendência dominante foi a tipológica-alegórica: entre os dois Testamentos se estabelece um paralelismo representativo, mediante o qual já está presente no Antigo, sob forma de tipo e de alegoria, aquilo que é narrado no Novo¹⁷” (FORTE, 1985, p.66).

Observa-se nos registros das Escrituras que o homem Jesus nos revela – e se revela – Deus e, não obstante, aqueles que dele se aproximaram, até mesmo seus discípulos, ao olharem para esse mesmo Jesus enxergavam aí somente um homem.

¹⁶ A começar, o próprio nome dado a Jesus já titula o que ele empregaria: “Jesus assume a forma grega de um nome masculino, derivada de *Jeshua*, que, por sua vez, abrevia o nome antigo *Jehoshua* (Josué), que significa ‘aquele de quem Deus é socorro’, ‘Deus ajuda’, ‘Deus salva’. Transformar-se-á em nome cultural depois que Jesus de Nazaré, após a exaltação, recebeu o nome de *Kyrios*” (LIBANIO, 2013, p.24).

¹⁷ Atualmente, considera-se não somente a vertente tipológica-alegórica para ler-se Jesus no Antigo Testamento, mas o instrumental histórico, que busca “com todo o seu peso e a sua densidade de testemunho a história de um povo único e das intervenções de seu Deus nela, juntamente com o devir da salvação, no desenvolvimento [de Jesus] na relação entre a história de Israel e seu Deus” (FORTE, 1985, p.67).

O que os faziam enxergar naquele homem a presença e a revelação de Deus era o condicional da fé. A partir disso, ao analisarmos as descrições da práxis de Jesus no Novo Testamento, torna-se efetiva a assimilação entre os seus contemporâneos e o messianismo revelado pelas Escrituras antigas¹⁸. Isso porque, para concepção do povo da Antiga Aliança, “o Messias é o portador definitivo da salvação, o qual deverá restaurar a relação entre Deus e a humanidade, destruída pelo pecado; é esta a espinha dorsal do Antigo Testamento, à espera de um mediador pessoal da salvação” (RIBEIRO, 2009, p.33). É nessa perspectiva que Jesus recebe diversos títulos de influência hebreia nos registros neotestamentários – entre eles o de ser “profeta”, “Messias”, “Salvador”, “Filho de Davi”, “Filho do Homem”, entre outros – dos quais são a síntese do desempenho de sua missão entre os homens.

Nessa perspectiva, como os títulos e a importância messiânica verotestamentários prestados a Jesus no Novo Testamento “possuem um significado, sobretudo, funcional, na esteira do sentido original do Antigo Testamento, sendo necessário demonstrar o sentido ontológico, quando este parece envolvido” (DUPIUS, 1999, p.31), os cristãos tratarão de relacionar a pessoa de Jesus com as pré-figurações presentes nas figuras messiânicas verotestamentárias. Pode-se especificar em:

3.2.1 O messianismo profético

Os profetas são autoridades críticas de Israel para as absurdidades dos poderes reais e sacerdotais ao longo da história do povo judeu. Nas Escrituras,

“o profeta é sempre um eleito do Senhor, alguém especial para este Senhor que o chama. Não está claro porque este ou aquele indivíduo é chamado para a missão profética, senão que ele é escolhido [...] e que está quase sempre à margem das instituições, não em função delas, mas sim do Deus de Israel” (NEGRO, 2009, p.156).

Assim, as Sagradas Páginas apresentam diversas figuras proféticas, como o profeta Elias; o profeta Jeremias; o profeta Amós e sua luta contra as injustiças sociais; e o profeta Isaías, que combateu a infidelidade da Lei e o a fragmentação da prestação do culto a Deus, juntamente com o descumprimento com a dignidade da pessoa

¹⁸ Recorda-se aqui a máxima tomista de que “veritas est adaequatio intellectus et rei” – “a verdade é a adequação entre o intelecto e as coisas” (TOMÁS DE AQUINO, ST; I,16,2,C).

humana. Salienta-se que “na tradição de Israel, especialmente após a queda de Jerusalém, se diz que o profetismo está encerrado, e que uma das características da era messiânica é a volta do profetismo, inclusive, com a vinda de um messias-profeta” (RIBEIRO, 2009, p.31).

A relação do messianismo dos profetas e a figura de Jesus pode ser compreendida em seu ápice nas palavras do profeta Isaías – a valer, em Dêutero-Isaías, o livro da consolação dos exilados – e o Cântico do Servo Sofredor (presentes em Is 42,1-9; 49,1-6; 50,4-9; 52,13-53). De acordo com Bruno Forte, “nesses cânticos, pela primeira vez, a espera messiânica é expressa ‘em termos claramente profético’, que o Novo Testamento usará amplamente para interpretar o destino e a obra de Jesus” (FORTE, 1985, p.75). Isso porque, pela interpretação dos cristãos da perícopé do Dêutero-Isaías, o Servo do Senhor descrito deverá sofrer, mas, do seu suplício, se proclamará a justiça e conduzirá o povo em um novo Êxodo.

Lembremos que “‘justiça’ é, na linguagem do Antigo Testamento, a expressão para a fidelidade à Torah, a fidelidade à palavra de Deus, como sempre foi advertido pelos profetas. É manter-se no caminho reto indicado por Deus” (RATZINGER, 2020, p.90). Conclui-se, portanto, que a significação do profetismo messiânico se resume no árduo chamado de Deus para a fidelidade à sua Lei, para conduzir o povo eleito à libertação. A partir disso, pode-se entender que o profetismo de Jesus “consistiu em viver ações de extrema entrega de si, de atenção às pessoas em situação de marginalização, de segregação social e religiosa” (LIBANIO, 2013, p.61).

É por isso que, durante os registros do Novo Testamento, Jesus é chamado de profeta. “Jesus teve consciência de ser um profeta [...] Os quatro evangelhos concordam: todos apresentam Jesus como profeta. Pelo que nos dizem de Jesus, de fato, não havia outra identidade possível” (COMBLIM, 2006, p.124).

3.2.2 O messianismo régio

O messianismo interpretado pelo viés da regência hebreia deriva da profecia dada ao rei Davi e sua descendência. A sua interpretação deriva a esperança de Israel de que, de Davi, surgirá o Messias. Coligado à compreensão davídica está a composição dos salmos régios, que estão relacionados a espera de um novo rei que surgiria e do qual é apresentado como um “Filho do Homem”. Esse rei, segundo a

leitura dos salmos, fará brotar a justiça, a libertação e a salvação com o seu reino que não terá fim.

Assim, recordando que, segundo a perícopes presente em 2Sm 7, após inúmeras batalhas, Deus concedeu ao Rei Davi a vitória diante de todos os seus opositores. Nesse momento, Davi reflete como deveria existir um local para alojar o Tabernáculo e a Arca da Aliança, usados como instrumentos para se vencer as batalhas contra os inimigos. Após a decisão de construir uma casa para Deus, o próprio Senhor disse, pelo profeta Natã, que o trono davídico seria eterno (2Sm 7,4-5;15-17). Está aqui fundada a percepção do surgimento do Messias prometido, que eternamente estaria sentado no trono de Israel¹⁹.

O reconhecimento de Jesus como o Messias régio prometido surgiu no seu reconhecimento como "Filho de Davi" (Mt 12,23; 15,22; 21,9; Lc 18,38) e na compreensão primitiva dos Apóstolos (At 2,29-32; Rm 1,3-5). Na compreensão cristologia, com efeito, Jesus é Filho de Deus em sua natureza, mas, humanamente, é filho de Davi por descendência (Mt 1,1-17; Lc 3,23-38) e o cumprimento da promessa realizada outrora ao Rei.

3.2.3 O messianismo sacerdotal

Nas sacras páginas, o sacerdócio israelita está correlacionado com a tradição, o qual são responsáveis pela transmissão e a interpretação da revelação divina e a vivência litúrgica. Em suma, os israelitas levitas “ensinarão teus mandamentos a Jacó e tua lei a Israel; ofertarão incenso em tua presença e holocaustos em teu altar” (Dt 33,10). Historicamente, com a ascensão da monarquia em Israel, entretanto, a realeza tendeu a assumir o múnus sacerdotal, uma vez que, “o verdadeiro sacerdote de Israel é, na qualidade de chefe do povo, o rei davídico ainda que no Antigo Testamento o título sacerdotal lhe seja atribuído apenas uma vez, e em termos muito acentuados e bastante significativos” (FORTE, 1985, p.80).

Porém, após a experiência pós-exílica e a frustração dada pela monarquia ao povo, a classe sacerdotal assume a responsabilidade política.

¹⁹ Salienta-se a promessa messiânica régia presente em 2Sm 7,13b-14a: “Será ele que construirá uma casa para o meu Nome e estabelecerei para sempre seu trono. Eu serei para ele Pai e ele será para mim filho”.

Em uma época sem rei, controlar o templo era controlar a política e a religião [...] e fundamental era legitimar os seus discursos ideológicos e derrotar no campo discursivo os concorrentes, e com isso, controlar o culto. Ser o legítimo descendente de Aarão e ser uma família sacerdotal 'abençoada' por Deus foram construções discursivas que acabaram levando os sadoquitas ao poder (MOURA, 2014, p.11).

Recorda-se também que “a função sacerdotal tem uma importância fundamental quer no escrito sacerdotal do Pentateuco, como também no livro de Jesus Sirac” (FORTE, 1985, p.81). Surge assim, a compreensão de um messias da ramificação sacerdotal, assemelhando a Moisés. O povo de Israel aguardava um messias que iria libertar da opressão, como anteriormente feito nos prodígios do Egito nos tempos do Êxodo.

Nesse ponto, os Evangelhos assimilaram a figura de Jesus com a promessa mosaica. Pelos relatos neotestamentários, existem grandes semelhanças entre Jesus e Moisés, como a de que ambos foram vítimas de assassinato quando crianças (Ex 1,22; Mt 2,16); foram enviados ao Egito para preservarem suas vidas (Ex 2,2; Mt 2,13); jejuaram 40 dias (Ex 24,18 e Lc 4,2) e ensinaram no monte (Ex 20,1-19; Mt 5,3-12). Logo, o cristianismo primitivo já identificava a pessoa de Moisés como uma pré-figuração de Jesus – vide o comparativo de Ex 32,11 e Rm 10,10; e Ex 4,17 e Rm 6,22. Jesus seria, na leitura dos cristãos, o novo Moisés, aquele que iria libertar o seu povo da opressão e implantar o Reino de Deus já aqui na terra – um Jesus, de fato, libertador.

3.2.4 O messianismo apocalíptico

O gênero apocalíptico está presente no Antigo Testamento com a característica de significar as revelações, manifestações e as epifanias de Deus. De acordo com Antonio Mazzarolo, “numa visão mais corriqueira, o apocalipse é uma revelação que se apoia em realidades misteriosas. O, característico da apocalíptica, é a indicação de coisas que devem acontecer, que estão por vir, em uma linguagem de símbolos” (MAZZAROLO, 2008, p.35).

O apocalipse possuiu uma característica expressa da expectativa da vinda de Deus – o dia da ira²⁰ – e esperança de como serão os derradeiros últimos dias do mundo e a vitória dos justos sobre os iníquos. Em texto presente no livro do profeta

²⁰ Promessa apocalíptica presente em Jl 2,11; Sf 1,14-18; e Am 5,18.

Malaquias (Ml 3,1-2) se profetiza a espera de um messias em uma reflexão escatológica. Com consequência, a literatura do apocalipse trará um escolhido de Deus que combaterá a opressão, condicionando a libertação ao seu povo. O embate do messias será marcado pelas características cósmicas, de desastres e restauro. Assim, “o messias, escolhido por Deus, filho de Deus, vencedor escatológico, é o protagonista do combate que instaura o Reino de Deus” (FORTES, 1985, p.84).

No Novo Testamento, o gênero do apocalipse fica evidente no último livro do cânon neotestamentário²¹. As primeiras comunidades identificavam Jesus como o escolhido que traria a paz e a justiça, seja em Mt 25,31-46 ou em Lc 21,25-33. Entretanto, o título apocalíptico de Jesus mais recorrente é o de seu o “Filho do Homem”, em uma clara assimilação com o Apocalipse do profeta Daniel. São inúmeras perícopes que Jesus se refere como “Filho do homem”²², aquele que trará a justiça de Deus no tempo previsto. Com efeito, Jesus é o Filho do Homem pois é o Messias e aquele que vêm para cumprir a justiça, pois

liga-se a visão de Filho do Homem com a esperança messiânica e com a figura de Moisés [...] em que a imagem representa o futuro reino da salvação – uma visão à qual Jesus poderia estar ligado, mas à qual Ele deu uma nova forma, na medida em que relacionou esta expectativa consigo mesmo e com sua ação (RATZINGER, 2020, p.277).

3.3 A cristologia a partir do Novo Testamento

Com a difusão do cristianismo, tentou-se compreender melhor a respeito da pessoa de Jesus Cristo. Os seus seguidores, após sua morte, além de realizar a experiência pascal, tentam decifrar sua pessoa. Com efeito, as reflexões cristocêntricas e os títulos atribuídos a Jesus possibilitam explicar, a partir de sua

²¹ Salienta-se que “a pessoa de Jesus Cristo recebe uma grande variedade de atributos e significações, que o colocam como o coração de todo o Apocalipse de São João. A grande diversidade de títulos a Ele aplicados manifesta esta centralidade. Dentre os principais títulos aplicados a Jesus destacamos (sic) os dois principais, por ordem de recorrência: Cordeiro (29x) e Senhor (23x). Outros títulos e atributos aparecem frequentemente, como Jesus (14x) e Todo-Poderoso (9x). Porém, surpreendentemente diversos títulos aplicados a Jesus no NT não gozam de muita importância no Apocalipse de São João, como o de Filho do Homem (2x) ou Filho de Deus (1x). Tudo isto é compreensível, considerando que o Apocalipse de São João não evidencia a pessoa de Jesus Cristo, mas a sua missão/função na obra da redenção e a sua importância na vida da Igreja” (ARAÚJO; SILVA, 2008, p.36-37).

²² Ressalta-se que no Novo Testamento, encontra-se pelo menos 88 vezes a expressão “Filho do Homem”, com destaque particular em Mc 14,62 e Lc 22,69.

história, quem ele é. Com o desenvolvimento da teologia em torno de Cristo apresentaram-se diferentes concepções cristológicas, entre eles, estão:

- A cristologia nos escritos neotestamentários

Conforme já descrito, as compreensões primitivas sobre Jesus dar-se-á através dos títulos atribuídos às suas práticas. Além, a figura de Jesus é compreendida nos escritos paulinos, em que a comunidade expressa, em linguagens de fé, atributos sobre sua pessoa. Na Carta aos Romanos, confessa-se a condição dupla de Jesus de Filho de Deus pelo Espírito e Filho de Davi pela carne (Rm 1,3-4); na Carta aos Colossenses apresenta um breve tratado do poderio da natureza e da missão de Jesus, “a imagem do Deus invisível” (Cl 1,15); em Filipenses, o belo tratado cristológico que expressa a fé na missão soteriológica de Jesus, sua *kenosis* e sua exultação (Fl 2,6-11). Para as comunidades paulinas, Jesus é o redentor, Deus e homem em natureza. A Carta aos Hebreus, em seu início, apresenta uma exaltação de Jesus, como a consumação das profecias e constituído como herdeiro de toda criação (Hb 1,2-4).

- A cristologia eclesial

A cristologia eclesial tende compreender Jesus Cristo a partir da teologia redigida em documentos do magistério conciliar da Igreja, como também dos pontífices, para o esclarecimento às heresias e às afirmações de fé. Recorda-se aqui as construções dogmáticas cristológicas, sendo as mais significativas a composição do símbolo niceno-constantinopolitano e os decretos dogmáticos dos Concílios de Éfeso (431) e o Calcedônia IV (451). Em suma, as declarações dos primeiros concílios visam estabelecer a compreensão eclesial de que “existe um só e o mesmo Cristo, Filho, Senhor, unigênito, reconhecido em duas naturezas e entre as duas naturezas não se produz confusão, nem mudança, nem divisão, nem separação entre elas” (LIBANIO, 2013, p.36).

Em um resgate histórico, deve-se mencionar o decreto de Niceia (325) que estabelece a divindade de Jesus, como também o Concílio de Éfeso que expressa “se alguém dividir, no único Cristo, depois da união, as hipóteses, coligando-as com a simples conexão da dignidade ou da autoridade ou do poder, e não, antes, pela conjunção segundo a união de natureza, seja anátema” (DH, 254). Enquanto o

Concílio de Calcedônia IV proclamou que, em uma síntese dos concílios antecedentes,

Que se confesse que um só e o mesmo Filho, o Senhor nosso Jesus Cristo, perfeito na sua divindade e perfeito na sua humanidade, verdadeiro Deus e verdadeiro homem composto de alma racional e de corpo, consubstancial ao Pai segundo a divindade e consubstancial a nós segundo a humanidade. (DH,301).

- A cristologia trinitária

A fé na Trindade é fruto das reflexões teológicas baseadas na revelação presente nas Escrituras²³ – construída, principalmente, pelas contemplações Santo Agostinho e de Santo Anselmo de Cantuária. A Igreja professa que

O mistério da Santíssima Trindade é o mistério central da fé e da vida cristã. É o mistério de Deus em si mesmo. E, portanto, a fonte de todos os outros mistérios da fé e a luz que os ilumina. É o ensinamento mais fundamental e essencial na “hierarquia das verdades da fé” (CIC,234).

Entretanto, comumente, “na cabeça das pessoas existe confusão a respeito do termo Deus [...] e Jesus e o Espírito aparecem como corolários ou, pelo menos, não se pensam nas pessoas divinas nas relações trinitárias” (LIBANIO, 2014, p.80).

- A cristologia histórica

A Cristologia histórica compreende-se a partir da leitura da metodologia histórico-crítica. A Pontifícia Comissão Bíblica expressa que

o método histórico-crítico é o método indispensável para o estudo científico do sentido dos textos antigos. Como a Santa Escritura, enquanto “Palavra de Deus em linguagem humana”, foi composta por autores humanos em todas as suas partes e todas as suas fontes, sua justa compreensão não só admite como legítimo, mas pede a utilização deste método (IBI, 1A).

A teologia, desde o seu princípio, visa compreender a inserção da pessoa de Jesus na história da humanidade. A partir do pressuposto de analisarmos a realidade da vida, da obra, da mensagem e da missão de Jesus de Nazaré denomina-se de

²³ Particularmente nas perícopes de Mt 28,19; Jo 10,30; e 2Cor 13,14.

metodologia da cristologia de Jesus histórico. Assim, “fazer cristologia a partir do Jesus histórico não é somente um capítulo ou aspecto a mais da cristologia. Este ponto de partida é ao mesmo tempo pano de fundo e o horizonte que orienta a globalidade da formulação da fé em Jesus Cristo” (HIGERT, 1987, p.19).

Outrossim, a cristologia histórica “significa conceber o Jesus histórico como a história de Jesus e conceber o Filho como a história de sua filiação²⁴” (SOBRINO, 1983, p.20). A *Gaudium et Spes* expressa que “pela sua encarnação, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem [...] tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado” (GS, 22).

3.4 Cristologia latino-americana

Evidentemente que a cristologia esteve sempre presente na história da teologia – ainda mais, tornou-se “um dos temas recorrentes da teologia latino-americana” (MANZATTO, 2007, p.25). A cristologia apresentada pela reflexão latino-americana nas Conferências é o resultado da imagem de Cristo e de sua Igreja na realidade própria vivida pelas comunidades cristãs do continente. Com efeito, as ações, a espiritualidade, as práticas sacramentais, o cuidado com os mais pobres e sofredores e, principalmente, as reflexões teológicas experimentadas pelos discípulos de Cristo imputam necessariamente na imagem da Igreja sobre seu Senhor²⁵, da qual ele é Cabeça e modelo, resultando em “uma cristologia que se preocupa em compreender a prática de Jesus que em seu tempo desencadeou história e que chegou até nós como história desencadeadora de práticas libertadoras e salvadoras” (ZUGNO, 2008, p.6). Com efeito,

Em torno da cristologia é que articulam temas da teologia do continente, sobretudo os mais significativos: a eclesiologia e a realidade das comunidades eclesiais de base, a soteriologia e a questão da libertação, a opção pelos pobres e a mística do Reino de Deus. Dessa maneira, a cristologia, desde cedo, foi um dos campos privilegiados nos anos que se seguiram do Concílio Vaticano II (MANZATTO, 2007, p.25).

²⁴ Desse modo, compreende-se que “não pode haver uma cristologia de Cristo sem a história de Jesus de Nazaré. Trata-se de levar a sério a humanidade de Jesus como caminho de entrada ao mistério de Deus (FERRARO, 2004, p.37).

²⁵ O Concílio Vaticano II expressa que “Cristo ama a Igreja como esposa, fazendo-se modelo do homem que ama sua mulher como o próprio corpo; e a Igreja, por sua vez, é sujeita à sua cabeça” (LG,7).

Deveras, parte desse significado da cristologia latino-americana parte da reflexão teológica da práxis eclesial do continente e dos que vivem as situações de sua realidade. Ou seja,

em outras palavras, o teólogo deve discernir as estruturas de ordem eclesial, social, políticas, econômicas e cultural em que age e pelas quais é condicionado; mas não só: deve também elaborar seus pensamentos nessas estruturas e, a partir delas, confrontando-as criticamente com a Palavra (FORTE, 1985, p.49).

A América Latina apresenta similaridades particulares em comparação a outra localidade no mundo. Por consequência, sua teologia deve apresentar caráter e personalidade próprias. Desde a sua conquista até meados do início do século XX, a Igreja latino-americana aproveitou-se de elementos profundos de reflexões teológicas de origem europeia para implantar em suas Igrejas locais. A partir do *aggiornamento* conciliar, a teologia da América Latina iniciou a apresentar os seus próprios anseios e carências: com efeito, se antes as temáticas sobre a pobreza, discriminação, corrupção, marginalidade não eram o centro da reflexão teológica; agora, com a abertura eclesial para tal, passou-se a compreender, pensar e viver as problemáticas próprias do continente. Por consequência, a Igreja na América Latina “denunciou as estruturas injustas e propôs a opção preferencial pelos pobres, ao mesmo tempo que assinalava seu potencial evangelizador” (CODINA, 2007, p.71) a partir das celebrações das Conferências Episcopais.

Salienta-se que, a partir da opção preferencial aos pobres, da teologia a partir de baixo, a Igreja procurou evangelizar a todos. Isso deve-se ao fato de que

se existe nos pobres um potencial evangelizador, então podemos afirmar que, na América Latina, uma parte da Igreja (hierarquia, religiosos, elites leigas) está sendo evangelizada pela outra parte (o povo pobre) através, principalmente, da interpelação e do questionamento, que conduzem à conversão, à solidariedade, à simplicidade, ao serviço (LOURENÇO, 2017, p.397-398).

Não obstante, “ao falarmos em opção preferencial pelos pobres, é importante termos em mente que esta é antes de tudo [uma reflexão] teológica, e deve produzir efeitos práticos na vida da Igreja e em diferentes campos da vida do ser humano” (FEITOSA, 2019). Recorda-se, no entanto, sobre a teologia das Conferências episcopais é que “a pretensão das assembleias não é primeiramente dogmática, mas,

sobretudo, pastoral. No entanto, como não poderia deixar de ser num documento eclesial de tal natureza, é impossível dissociar o teológico do pastoral” (ZUGNO, 2008, p.5).

Sigamos, portanto, que nos diz as diretrizes de Aparecida e “vejamos a realidade que nos circunda à luz de sua providência e a julguemos segundo Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida” (DAp, 19)”, a partir das Conferências celebradas no continente latino-americano e caribenho.

3.4.1 A cristologia da Conferência do Rio de Janeiro

A Conferência do Rio de Janeiro foi realizada antes da celebração do Concílio Vaticano II. Assim, por consequência, a sua teologia – e cristologia – remontaria à concepção de Igreja próxima do Concílio Vaticano I.

Ao vermos as declarações do Rio de Janeiro se observa um Jesus *ad intra*: onipotente, coativo e imponente. O clamor declarado pelos bispos na I Conferência era da Igreja como que adversária do mundo, na perspectiva de livrar a sociedade do mal presente nas crenças de outrem, condenando princípios e agires seculares – além de expressar o papel institucional do clero e dos leigos na pastoral da América Latina. Ademais, no documento final do Rio, “afora alusões *en passant* a alguns títulos cristológicos (“Divino Mestre”, “Sacerdote”, “Cordeiro”...), afirmações cristológicas estão praticamente ausentes, o que não deixa de ser teologicamente interessante de ser observado” (ZUGNO, 2008, p.6).

3.4.2 A cristologia da Conferência de Medellín

Celebrado após o Vaticano II, Medellín acentua o conceito “libertação” em suas declarações, concedendo-a como caminho de salvação. Por essa reflexão, a salvação revelada por Jesus não é uma promessa para a eternidade, mas inicia-se com a transformação radical das situações de injustiça, opressão e de morte presentes no agora da sociedade.

Segundo Medellín, a soteriologia não se torna uma realidade metafísica, mas possui uma essência concreta na história. Com efeito, a libertação da situação de miséria presente no continente latino-americano, por exemplo, torna-se uma

antecipação da história trazida por Jesus. Assim, compreender e intervir na situação de pobreza é compreender o mistério do próprio Cristo. Além,

o Documento de Medellín fundamenta os conteúdos da evangelização em duas perspectivas bíblico-teológico-ecclesiológicas: numa perspectiva veterotestamentária, inspira da no princípio teológico do Deus Criador e Libertador, no centro do qual figura o ser humano, criado à imagem e semelhança, conclamado a portar-se face a Deus como filho, face aos outros como irmãos – igual em direitos e deveres –, e face à criação inteira como justo administrador; e numa perspectiva neotestamentária, fundada no princípio teológico do Deus encarnado em Jesus Cristo, em quem se realizou o plano Criador, Libertador e Salvador de Deus (MORAS, 1998, p.806).

Além de assimilar Jesus na história da salvação, Medellín aponta como encontrá-lo. Para a II Conferência do CELAM, pode-se encontrar Cristo na liturgia²⁶; na comunidade²⁷; na história²⁸ e no pobre injustiçado. É de salientar que o pobre como lugar do encontro com Cristo é compreendido em Medellín como o status de um primeiro princípio de discernimento cristológico, uma vez que ele “sendo rico, se fez pobre” (2Cor 8,9). Desse modo, na opção preferencial de Jesus pelos pobres para auxiliá-los para sair da situação necessidade e humilhação, “encontra-se a fundamentação evangélica ou, em outras palavras, cristológica, para que a Igreja como um todo e, dentro dela, cada cristão, em particular, faça a opção pelos pobres” (ZUGNO, 2008, p.11).

Por efeito, “o Episcopado Latino-americano não pode ficar indiferente perante as tremendas injustiças sociais existentes na América Latina que mantêm a maioria de nossos povos numa dolorosa pobreza” (SOUZA, 2008, p.133) e, com efeito, à luz de Cristo, deve-se libertar os mais necessitados à uma vida mais digna, uma vez que

²⁶ Na temática, Medellín expressa que “a liturgia é ação de Cristo, Cabeça e de seu Corpo, que é a Igreja. Contém, portanto, a iniciativa salvadora que vem do Pai, pelo Verbo e no Espírito Santo, e a resposta da humanidade nos que se ligam pela fé e pela caridade no Cristo, recapitulador de todas as coisas” (DM,9.2).

²⁷ Sobre os leigos, Medellín indica que “o apostolado leigo terá maior transparência de sinal e maior densidade eclesial, quando apoia seu testemunho em equipes ou comunidades de fé, nas quais o Cristo prometeu especialmente estar presente (Mt 18,20). Deste modo, os leigos cumprirão mais cabalmente sua missão de fazer com que a Igreja ‘aconteça’ no mundo, na tarefa humana e na história” (DM,10.12).

²⁸ “Nós, cristãos, não podemos, com efeito, deixar de pressentir a presença de Deus, que quer salvar o homem inteiro, alma e corpo [...] Através de Cristo, ele está ativamente presente em nossa história e antecipa seu gesto escatológico não somente no desejo impaciente do homem para conseguir sua total redenção, mas também naquelas conquistas que, como sinais indicadores, com voz cada vez mais pode rosa, do futuro, vai fazendo o homem através de uma atividade realizada no amor” (DM, Int.5) revela Medellín sobre a presença de Jesus na história.

toda libertação torna-se uma ato precedente da plena redenção dada por Jesus na ação dos cristãos de ver, julgar e agir na realidade injusta vivida pela humanidade.

3.4.3 A cristologia da Conferência de Puebla

Anos após as declarações da II Conferência, Puebla, em 1979, foi convocada, com o profético anúncio do Evangelho contra as denúncias de pobreza, injustiça, política-social. Temáticas da família, da juventude, dos operários e dos afro-americanos apareceram na nova Conferência. Com resultado, os novos aprofundamentos teológicos resultaram-se em novas compreensões teológicas – na “insistência de Puebla por uma cristologia contextualizada” (SOUZA, 2008, p.136), na verdade.

Antes de mais nada, deve salientar-se que o período da década de 1970 – período da realização da III Conferência – foi um momento turbulento na história do continente latino-americano, com a perseguição em certos âmbitos da Igreja, com a ocorrência até mesmo do martírio de cristãos que optavam pela vivência da liberdade e pela dignificação dos direitos humanos em países em regime ditatorial.

Com efeito, Puebla tornou-se um reflexo de seu tempo. As lutas sociais e a embate pela manifestação da libertação tornaram-se temáticas para as compreensões teológicas da Conferência. Nela, progride-se a compreensão cristológica da revelação dada por Jesus – no documento final, ao se posicionar na reflexão teológica ou pastoral, Puebla recorre à compreensão cristológica da figura de Jesus de Nazaré.

Para tanto, a III Conferência utiliza-se da análise da realidade latino-americana através da metodologia teológica-pastoral do “ver-julgar-agir” para a prática evangélica e cristológica no continente. Com efeito, era perceptível como que Puebla convoca a Igreja nas Américas a uma conversão à opção preferencial pelos pobres e sofredores para a sua libertação integrado. A libertação dar-se pela figura do Cristo pobre, sofredor e mártir como critério das reflexões, anúncio e denúncias do episcopado latino-americano²⁹.

Assim, em Puebla, pode-se compreender uma cristologia em que

²⁹ Algo que os bispos declaram como que “o serviço do pobre exige, de fato, uma conversão e purificação constante, em todos os cristãos, para conseguir-se uma identificação cada dia mais plena com Cristo pobre e com os pobres” (DPb, 1140).

Jesus é reconhecido como o Verbo feito carne, como aquele que armou sua tenda no meio de nós, como se afirma no Evangelho de João. No meio de seu povo; povo pobre e explorado, mas que ainda crê e espera nele. É preciso estar muito distanciado da vida deste para não perceber aqui, na afirmação da proximidade de Cristo, manifesta da pela expressão “Cristo pobre”, uma confissão da presença de Deus na história concreta da humanidade. Uma confissão de Jesus, Filho de Deus, não da boca para fora, mas brotando todos os dias de seus sofrimentos, lutas e esperanças; não de uma ‘ortodoxia’ que se esgota em si mesma, mas de uma verdade vital e profunda e, ao mesmo tempo, pensa da e afirmada (GUTIÉRREZ, 1980, p.45-47).

Ora, para Puebla, portanto, a opção pela libertação dos pobres se ampara na vida dos mais sofridos com a identificação de Jesus com os pobres e miseráveis (DPb, 31-39), sem o abandono das reflexões magisteriais já proclamadas anteriormente (DPb 170-219). A saber, a Conferência relata que “devemos apresentar Jesus de Nazaré compartilhando a vida, as esperanças e as angústias do seu povo e mostrar que ele é o Cristo, crido, proclamado e celebrado pela Igreja” (DPb, 176), e esse Jesus, “tal como professa a fé da Igreja, quanto a realidade e a força de sua dimensão humana, e histórica” (DPb, 175), e “pobre entre os pobres, proclamou que todos somos filhos de um mesmo Pai e, por conseguinte, irmãos” (DPb, 682).

Além disso, para Puebla, “na América Latina, Deus nos chama para uma vida em Cristo Jesus [...]: pregar a conversão, libertar o homem e impulsioná-lo rumo ao mistério de comunhão com a Trindade e comunhão com todos os irmãos” (DPb, 563). Assim, a luta dos episcopos não foi somente dedicada à verdade de Jesus de Nazaré contida nos pobres e oprimidos que lutam por uma libertação, mas na admoestação do uso de sua pessoa e mensagem para se instrumentalizar os mais carentes³⁰.

³⁰ Aqui, percebe-se a influência do discurso inaugural de Puebla dada por São João Paulo II, que ofereceu os preâmbulos teológicos cristológicos, eclesiológicos e antropológicos dada a reflexão fenomenológica da realidade latino-americana, com a afirmação de que “de vós, Pastores [os participantes de Puebla], os fiéis dos vossos países esperam e reclamam antes de tudo uma cuidadosa e zelosa transmissão da verdade sobre Jesus Cristo. Esta encontra-se no centro da evangelização e constitui o seu conteúdo essencial: ‘não haverá nunca evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o Reino e o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem anunciados’” (DSIIC, 2).

3.4.4 A cristologia da Conferência de Santo Domingo

A IV Conferência do CELAM tendeu a dar continuidade às reflexões e ações das Conferências anteriores com a precedência da figura de Jesus na centralidade das compreensões magisteriais. Segundo Caliman,

A temática de Santo Domingo traz uma intuição teológica fundamental e uma chave de leitura essencial da experiência cristã: a centralidade de Cristo no projeto salvífico de Deus. Esse eixo fica bem sublinhado pelo lema 'Jesus Cristo ontem, hoje e sempre' (Hb 13,8). Essa referência, legítima e necessária, à herança teológica da Igreja, no entanto, não assimilou suficientemente para dentro do texto, como era de se esperar, a experiência eclesial latino-americana do pós-concílio e sua reflexão teológica mais expressiva" (CALIMAN, 1993, p.238-239).

De fato, a continuidade e descontinuidade apresenta-se na composição do documento final da Conferência. Na primeira parte expõe-se a profissão de fé e as composições dogmáticas já expressas anteriormente sobre a pessoa de Jesus Cristo; na segunda, deslumbra-se a figura gloriosa de Jesus como evangelizador dos povos – em particular, da América Latina –; e o terceira parte apresenta linhas pastorais prioritárias da Nova Evangelização, da promoção humana integral e da evangelização inculturada fundamentadas em Jesus Cristo.

Em Santo Domingo, na compreensão da cristologia com as novas realidades do continente – respondendo ao chamado da nova evangelização – representou a manifestação de Jesus na situação sofrida dos mais pobres com uma distinta exposição: sob a chave hermenêutica de Hb 13,8, a Conferência apresenta Jesus Cristo como "Senhor dos Tempos" e centralidade do desígnio de Deus (DSD, 2;3); enviado pelo Pai para anunciar a Boa Nova aos pobres (DSD, 4); além ser retratado como aquele que instituiu a Igreja, seus pastores e os sacramentos (DSD, 6).

Conquanto, atentou-se em Santo Domingo uma discutível compreensão cristológica que norteará as reflexões dos trabalhos do magistério: na composição do Documento, a interpretação teológica metafísica de Jesus sobressaiu sobre a sua concepção histórica-crítica. À exemplo, a morte de Cristo é assimilada como algo somente dogmático no parágrafo 7 e, desconsiderando Jesus crucificado histórico, pode-se entender que a teologia latino-americana perde um importante referencial

interpretativo e prático³¹, uma vez que o martírio na luta pela libertação foi exaurido, entoando somente por uma finalidade soteriológica futura, ou até mesmo, escatológica.

Isso ocorre porque, segundo Taborda, “a cristologia de Santo Domingo é uma cristologia da glória, abstrata e a-histórica. É gritante a ausência do Jesus histórico no preâmbulo cristológico” (TABORDA, 1993, p.356). Dar-se a entender assim que ocorre um enfraquecimento do Jesus encarnado – tão vivente nas Conferências precedentes – e opta-se por um Jesus mais paradoxal, aquém da realidade continental.

Entretanto, nem tudo em Santo Domingo seria uma ruptura: para a IV Conferência, Cristo está presente nos pobres, conforme já compreendia o magistério latino-americano. Entende-se que “a opção preferencial pelos pobres é uma resposta à percepção teológica de Deus neles [...] em Santo Domingo se destaca que a opção é 'autêntica³²'” (COSTADOALT, 2022, p.102).

Assim, percebe-se que a construção de uma cristologia em Aparecida é resultado de continuidade por aquilo que foi refletido nas Conferências continentais anteriores, processo esse que respeita o histórico e a realidade latino-americana. O presente trabalho visará a seguir nos elementos cristológicos presentes nas reflexões da V Conferência e como assimilá-los para a configuração da figura de Jesus Cristo.

³¹ Atente-se que a leitura doutrinal de Jesus em Santo Domingo mesmo “legítima e necessária à herança teológico-dogmática da Igreja, no entanto, não assimilou suficientemente para dentro do texto, como era de se esperar, a experiência eclesial latino-americana do pós-concílio e sua reflexão teológica mais expressiva” (CALIMAN, 1993, p.238-239).

³² Tradução nossa.

4 CRISTOLOGIA NO DOCUMENTO DE APARECIDA

As conclusões de Aparecida fundamentam-se teologicamente e cristologicamente na temática própria da V Conferência: “Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nossos povos nele tenham vida”. Com efeito, as reflexões e observações do documento final – em especial, a da experiência de discipulado e da missionariedade – foram denotadas diretamente da pessoa de Jesus Cristo.

Preliminarmente, entende-se que se pode dividir o trabalho conclusivo de Aparecida precisamente em três partes. A primeira seção, com o título “a vida de nossos povos hoje”, contém um breve retrospecto e uma análise da realidade latino-americana e caribenha, servindo de introdução para as reflexões da própria Conferência (DAp,19-32). Aqui, referencia-se pela primeira vez o termo “discípulo missionário”, mesmo que somente de forma de um entendimento prático. Destacamos a segunda (DAp,101-346) e terceira parte (DAp,347-546) do Documento, considerando a cristologia em que se fundamenta Aparecida³³.

4.1 A vida de Jesus Cristo nos discípulos missionários

A segunda parte do Documento inicia-se com as afirmações sistemáticas e dogmáticas a respeito de Jesus de Nazaré – a exemplo da asserção de que “Jesus é o Filho de Deus, a Palavra feita carne, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, prova do amor de Deus aos homens” (DAp,102). As afirmações cristológicas introdutórias desse parágrafo baseiam-se inteiramente nas Escrituras, não contendo qualquer reflexão magisterial outrora manifestado pelas Conferências precedentes.

Os números 104 a 128 de Aparecida concentra-se em um reconhecimento da presença de Deus – em especial da Boa Nova anunciada pelos discípulos missionários de Jesus – nas mais diferentes realidades do continente³⁴. Em frente a isso, o Documento expressa que “Jesus defende os direitos dos fracos e a vida digna de todo ser humano. De seu Mestre, o discípulo tem aprendido a lutar contra toda forma de desprezo da vida e de exploração da pessoa humana” (DAp,112) nas

³³ Recordá-se que trataremos de citar indiretamente alguns apontamentos de eixos eclesiológicos e missiológicos presentes de forma evidente no Documento.

³⁴ Salienta-se que a compreensão da “preferencial opção pelos pobres” é ausente nesse texto do retrospecto do reconhecimento pastoral e teológico da história da América Latina.

diferentes dimensões de vida dos latino-americanos. Já em uma analogia ao discipulado, Aparecida apresenta a condição de Jesus como Mestre, porém com a condição distinta da de ter-se discípulos no tempo antigo. Segundo o entendimento magisterial (DAp,131), o discípulo de Jesus não é somente aquele que o segue, mas que cria uma intimidade com Ele.

Denota-se, com efeito, o advento no Documento da autodefinição cristológica "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida" (Jo 14,6) – tema inspirador das reflexões de Aparecida. Ao analisarmos dos números 154 a 239 do trabalho conclusivo, compreende-se a convergência de Jesus na história da salvação dos homens, tornando-o anunciador do já referenciado Caminho, Verdade e Vida do Pai. Por indução, Jesus acaba convertendo-se em ponto de partida para a experiência pascal e da formação dos discípulos missionários (DAp,276-285) – dado que a conformação de sua morte e ressurreição torna-se o sustento da fé dos discípulos –, além de inspirar e instruir as relações pessoais, eclesiais e sociais (DAp,184-234), uma vez que se torna referencial para a práxis cristã.

Assim, far-se-á interessante o modo como Aparecida desperta para a compreensão da cristologia contida em seu documento, uma vez que “se não conhecemos a Deus em Cristo e com Cristo, toda a realidade se torna um enigma indecifrável; não há caminho e, não havendo caminho, não há vida nem verdade” (DAp,22). Com efeito, o tema da V Conferência se faz presente das compreensões teológicas contidas no documento conclusivo, apontando as influências da pessoa de Jesus Cristo na vida da Igreja e de todos os seus adeptos. Ainda, pelo referido número 22 do documento, expressa-se uma ordenação na tríade temática de Aparecida para se poder assimilar Cristo. Investigaremos a primeira delas: Jesus como o Caminho.

Ter Jesus com o epíteto de o Caminho é ter que reconhecer aquele que aponta a via de vivência e comunhão entre os cristãos, ou, como expressa Aparecida, “em Jesus-Caminho, abri-nos a seu mistério de salvação para que sejamos filhos seus e irmãos uns dos outros” (DAp,138). De certa, forma, a comunidade primitiva dos cristãos já invocava Jesus como o “Caminho³⁵”. O Caminho ensinado por Jesus seria “o caminho para o Pai como o cumprimento dos mandamentos divinos ou, mais concretamente, a amorosa realização da vontade do Pai” (KLOPPENBURG, 1983, p.21) do qual os discípulos de Jesus são identificados por sua abertura total e

³⁵ Tais referências encontram-se em At 9,2; 18,25-26; 22,4, à exemplo.

despretensiosa a toda pessoa, uma vez que, "a ética de Jesus é uma ética 'consequencialista' (...) que tem que ser uma ética para a felicidade, para fazer com que nos sintamos felizes e tornar mais felizes os que estão a nossa volta" (CASTILLO, 2010, p.58).

Isso ocorre porque "na luz de Cristo esclarece o mistério do homem. Sob ele, toda a obra divina, na história da salvação é uma ação de promoção e de libertação humana que tem como único objeto o amor" (DMd,1.4). Assim, a adesão ao mandamento novo, no entendimento do documento, "é um 'sim' que compromete radicalmente a liberdade do discípulo a se entregar a Jesus, Caminho, Verdade e Vida. É uma resposta de amor a quem nos amou primeiro 'até o extremo'" (DAp,136).

Aparecida, então, revela-nos a dimensão do serviço em sua cristologia, isso porque, a exemplo de Jesus, o amor conduz à ação caritativa ao próximo – por isso é um Caminho. Deveras, ao analisarmos os números do capítulo IV do documento, compreende-se o serviço que Jesus realizou e realiza aos seus discípulos e aos necessitados: registra-se a caridade prestada por Jesus ao longo de sua missão – em especial, como "prova definitiva de amor está o caráter de um esvaziamento radical (*kénosis*), porque Cristo 'se humilhou a si mesmo fazendo-se obediente até à morte e morte de cruz'" (DAp,242) – como fonte da experiência cristocêntrica.

Outrossim, pode-se compreender Jesus como Verdade – tema esse tão caro aos Documentos de Puebla e Santo Domingo. Em especial, a III Conferência expressa que "os caminhos de libertação de Jesus nos apresentam a Verdade a respeito de Cristo, da Igreja e do Homem" (DPb,163). Parafrazeando o questionamento de Pôncio Pilatos no relato joanino da Paixão, podemos indagar o que seria a Verdade. Ao refletir sobre essa proposição, Ratzinger expressa que "o homem torna-se verdadeiro, torna-se ele mesmo, quando se conforma a Deus. Então alcança a sua verdadeira natureza. Deus é a realidade que dá o ser e o sentido (RATZINGER, 2020, p.176). Nesse sentido, a Verdade presente e manifesta em Jesus "há de iluminar as mentes e os corações com a ativa, incansável e pública proclamação dos valores cristãos³⁶" (DPb,10).

Por fim, a decorrência da compreensão de Jesus como Caminho e Verdade é tê-lo como a Vida. De fato, "é comovente o número de vezes em que o divino Mestre

³⁶ Na teologia latino-americana, pela verdade é realizada a entrega da vida pela causa de Jesus, seja através dos atos de libertação em um martírio, seja pela convicção da adesão à pessoa de sua pessoa.

fala de sua missão de dar-nos a vida” (KLOPPENBURG, 1983, p.4). Em especial no Evangelho de João, Jesus expressa diversas vezes a sua condição e vontade de dar a vida³⁷ “e vida em abundância” (Jo 10,10). Jesus-Vida trabalhado em Aparecida é aquele que trata da dignidade da pessoa humana, no cuidado aos mais necessitados e aos povos originários e afrodescendentes; e enxergando-o nos pobres e sofredores, configura-se em “uma dimensão constitutiva de nossa fé em Jesus Cristo: da contemplação do rosto sofredor de Cristo neles e do encontro com Ele nos aflitos e marginalizados, cuja imensa dignidade Ele mesmo nos revela, surge nossa opção por eles” (DAp,257).

Segundo Aparecida, a consequência cristológica dos necessitados e perseguidos estão

naqueles que dão testemunho de luta pela justiça, pela paz e pelo bem comum, algumas vezes chegando a entregar a própria vida em todos os acontecimentos da vida de nossos povos, que nos convidam a procurar um mundo mais justo e mais fraterno, em toda realidade humana, cujos limites às vezes causam dor e nos agoniam” (DAp,256).

Assim, por efeito, a cristologia de Aparecida compreende Jesus bem como sendo Caminho, na ação dada ao serviço ao próximo; como Verdade, todas as suas consequências; a de convergir em um Jesus Vida, que quer integridade a todas as pessoas. Tal sequela resulta logicamente em um Jesus necessitado, pobre e perseguido, mesmo que expressa de forma tímida e não sendo a centralidade da temática teológica do Documento. Em suma, a vida expressa em Jesus é da comunhão da comunidade cristã que, pelos ensinamentos de seu Mestre, vivem o proceder e as ações que constroem o Reino de Deus na sociedade (DAp,246-265).

4.2 A vida de Jesus Cristo para nossos povos

Na cristologia latino-americana presente na terceira parte do documento, percebe-se um certo distanciamento cristológico das Conferências de Medellín e Puebla e uma proximidade com Santo Domingo. Isso porque os números 380 a 405 apresentam enfaticamente um Jesus pós-pascal, ressuscitado e transcendental,

³⁷ A perícopes que ilustram essa conjuntura são Jo 3,14-16; 3,35-36; 4,13-14; 8,51; 10,28 e 20,31.

distinto da figura de Cristo próxima à realidade do continente apresentada nas Conferências antecedentes.

Na terceira parte, há uma aplicação da cristologia do discipulado e missionalidade – que no presente projeto trabalhar-se-á mais à frente. Sintetizando, o Documento nos referidos números trabalha com a visão de Jesus como servo, que cuida, acolhe e edifica – ilustrado de forma profunda no número 353 do Documento – e, do qual, “atinge o ser humano por inteiro e desenvolve em plenitude a existência humana em sua dimensão pessoal, familiar, social e cultural” (DAp,356).

4.3 A cristologia do encontro

Se recordarmos o que fora exposto anteriormente nos estudos da cristologia com base no magistério latino-americano, compreende-se o pressuposto de que a reflexão sobre a pessoa de Jesus Cristo é resultado da percepção da presença de Cristo na realidade da comunidade presente, vivida e participativa. Pode-se afirmar, portanto, que

a cristologia é primariamente eclesial porque se realiza dentro de uma comunidade com fé real que torna Cristo presente e dentro de uma comunidade-em-processo, que é a que primariamente vai reinterpretando sua fé, aprendendo a expressá-la e formulá-la para que essa fé dê cada vez mais de si (SOBRINO, 1986, p.52).

Com efeito, a V Conferência impulsionou a um condicional por vezes não referido, mas possuidor de uma insigne importância: ao depararmos com as reflexões conclusivas, torna-se evidente que, inspirados pela Exortação Apostólica *Ecclesia in América*³⁸, de São João Paulo II, e pelo discurso inaugural da Conferência proferido pelo Papa Bento XVI, o predicamento do “encontro” é fortemente identificado em todo Documento de Aparecida, em especial do encontro com a pessoa de Jesus Cristo³⁹.

³⁸ Há exemplos dadas pelo Papa em seus dizeres de que “o encontro pessoal com o Senhor, se for autêntico, trará também consigo a renovação eclesial: as Igrejas particulares do Continente, como Igrejas irmãs e vizinhas entre si, aumentarão os vínculos de cooperação e de solidariedade, para prolongar e tornar mais incisiva a obra salvadora de Cristo na história da América” (EA, 7) ou com a descrição dos relatos de encontros com Jesus no Novo Testamento (8-12) ou com a identidade latino-americana (13-25). Ressalta-se ainda os títulos da Exortação dos capítulos primeiro e segundo em “o encontro com Jesus Cristo Vivo” e “o encontro com Jesus Cristo na América de hoje”, respectivamente.

³⁹ A saber, a ideia do “encontro” é referida mais de 80 vezes no Documento de Aparecida, enquanto “discípulo missionário” é exposta mais de 45 vezes.

Em sua estrutura teológica, Aparecida constrói um itinerário cristológico para uma compreensão eclesiológica: para sermos discípulos missionários é necessária a experiência de fé, comunhão e de caridade com e em Jesus Cristo. Esse entendimento é bem expresso pelo Papa Francisco – participante de Aparecida. Ao contemplarmos o subcapítulo da *Evangelii Gaudium* intitulado “o encontro pessoal com o amor de Jesus que nos salva”, o Sumo Pontífice expressa que “a primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por Ele que nos impele a amá-Lo cada vez mais” (EG,264).

Para bem entendermos essa proposição, deve-se atentar à primeira parte do Documento de Aparecida em que se aponta a missão de Jesus na história da salvação e percebe-se que o próprio Jesus se torna a fonte de vida e referência para as relações eclesiais e pessoais de seus seguidores. Por uma questão lógica, não se pode anunciar algo da qual não conhece⁴⁰. Logo, para anunciar a Jesus, deve-se ter uma vivência com ele. Aparecida visa elucidar essa exigência e, na sua autoafirmação como ponto de reflexão teológico e pastoral, expressa que “[a Igreja latino-americana deve] tratar de confirmar, renovar e revitalizar a novidade do Evangelho arraigada em nossa história, a partir de um encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, que desperte discípulos e missionários” (DAp,11).

Nesse âmbito, a V Conferência é enfática ao declarar que

na Igreja deve-se oferecer a todos os nossos fiéis um ‘encontro pessoal com Jesus Cristo’, uma experiência religiosa profunda e intensa, um anúncio querigmático e o testemunho pessoal dos evangelizadores, que leve a uma conversão pessoal e a uma mudança de vida integral” (DAp, 226).

O que se pode questionar é como se realiza o encontro com Jesus, a fim de termos uma experiência transformadora. A resposta pode ser encontrada na lineamenta do Sínodo dos Bispos para a América onde fora declarado que “todos os homens e mulheres da América são convidados a procurar encontrar-se com Cristo, como se encontra um discípulo em busca da verdade com o seu Mestre” (LSB,4).

Por consequência, João Paulo II expressou que “a procura de Cristo não se reduz a algo meramente abstrato; é necessário mostrar os lugares e momentos

⁴⁰ Pode-se recordar aqui da máxima atribuída a Santo Agostinho de “só se amar aquilo que se conhece”.

concretos nos quais, no âmbito da Igreja, é possível encontrá-Lo” (EA,12). Ora, uma vez que é sabido termos um encontro com Jesus, ao contemplarmos o magistério latino-americano, verifica-se que se pode realizar a experiência com Jesus na nossa realidade em diferentes caminhos – não antagônicos entre si, mas conciliares. Elencaremos duas vias de encontro nas tradições das Conferências do continente das Américas: a de Jesus nos pobres e na ação oracional.

Em primeiro lugar, deve salientar que todo o encontro com Jesus é transformador (EA,8) – similar ao condicional teológico latino-americano definido como o da libertação. Recordemos que “optar por Jesus Cristo é necessariamente optar pela justiça, e optar pela justiça é optar pelos pobres. Cristo – justiça – pobres formam uma trilogia indissociável e ao mesmo tempo articulada” (BOFF; PIXLEY, 1986, p.147). A cristologia do encontro faz-se presente nos pobres⁴¹, pois “é uma dimensão constitutiva de nossa fé em Jesus Cristo: da contemplação do rosto sofrido de Cristo neles e do encontro com Ele nos aflitos e marginalizados surge nossa opção por eles” (DAp,257).

Nessa compreensão, depara-se com a máxima da perícopa do capítulo 25 do Evangelho de Mateus, da qual verifica-se que

“não é um mero convite à caridade, mas uma página de cristologia que projeta um feixe de luz sobre o mistério de Cristo (...), e, segundo as palavras inequívocas do Evangelho que acabámos de referir, há na pessoa dos pobres uma especial presença de Cristo, obrigando a Igreja a uma opção preferencial por eles” (NMI,49).

Em suma, “Cristo ‘sendo rico se fez pobre’, viveu na pobreza, centralizando sua missão no anúncio da libertação aos pobres e fundou sua Igreja como sinal dessa pobreza entre os homens” (DMd,14.7).

Torna-se factual, portanto, que se pode, encontrar uma cristologia no encontro com os pobres e excluídos. Tal afirmação é verificada em parte da compreensão da teologia desenvolvida na América Latina após a celebração do Concílio Vaticano II – a exemplo do entendimento de que “para a cristologia latino-americana (...) a partir dos pobres se pensa que se conhece melhor a Cristo e, então, esse Cristo melhor

⁴¹ O encontro de Jesus nos pobres é chamado de “o encontro mais especial do encontro com Jesus”, conforme declara Aparecida no início do número 257.

conhecido é o que se pensa que remete ao lugar dos pobres” (SOBRINO, 1994, p.60) –; e parte do magistério do episcopado latino-americano – do qual, se referindo a Puebla, diz que “ao aproximar-nos do pobre para acompanhá-lo e servi-lo, fazemos o que Cristo nos ensinou, quando se fez irmão nosso. Por isso o serviço dos pobres é medida privilegiada, embora não exclusiva, de nosso seguimento de Cristo” (DPb,1145). Se deduz, assim, que se tem a experiência com Jesus, quem o encontrou nos pobres.

Outrossim, o Cristo pobre e marginalizado é referenciado diversas vezes no Documento de Aparecida – porém, talvez, não tanto o quanto necessitasse. Já no discurso inaugural se expressou que “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza” (DSIVC,3). Ainda, Aparecida exorta a “no mais humilde encontramos o próprio Jesus” (DAp,354). Com efeito, “a mesma união a Jesus Cristo é a que nos faz amigos dos pobres e solidários com seu destino” (DAp,257).

O trabalho conclusivo de Aparecida ainda diz que

“se a opção [pelos pobres] está implícita na fé cristológica, os cristãos, como discípulos e missionários, são chamados a contemplar, nos rostos sofredores de nossos irmãos, o rosto de Cristo que nos chama a servi-lo neles: ‘os rostos sofredores dos pobres são rostos sofredores de Cristo’” (DAp,393).

Isso porque, como nos indica o Documento “em Cristo o grande se fez pequeno, o forte se fez fraco, o rico se fez pobre” (DAp,393), como uma afirmação cristológica baseada nas Escrituras e nas Conferências precedentes⁴². Não obstante, as ações da libertação do sofrimento do pobre e da denúncia de toda obra de injustiça torna-se semelhante a imagem do messianismo profético plenificado na pessoa de Jesus. O Cristo pobre é o mesmo que denunciava as angústias do povo e realizava o anúncio da Boa Nova do Reino de Deus. A cristologia profética contribui para a cristologia do encontro nos pobres.

Um outro caminho de realizar um encontro com Jesus seria, como recorda-nos o Concílio Vaticano II,

na presença de Cristo na sua Igreja, especialmente nas ações litúrgicas:
[Jesus Cristo] está presente no sacrifício da Missa, quer na pessoa do

⁴² Além de remeter à análoga figura de Cristo como o “Servo Sofredor” de Isaías, conforme descrito no capítulo II do presente trabalho.

ministro, quer e sobretudo sob as espécies eucarísticas; está presente com o seu dinamismo nos sacramentos; está presente na sua palavra, pois é Ele que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura; está presente, enfim, quando a Igreja reza e canta, Ele que prometeu: 'onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles (Mt 18,20)' (SC,7).

De fato, Aparecida declara enfaticamente que “encontramos Jesus Cristo, de modo admirável, na Sagrada Liturgia” (DAp,250). Isso porque, na ação litúrgica da Igreja, realiza-se a renovação da fé no mistério pascal de Cristo e alimenta a espiritualidade dos cristãos. A experiência da comunidade com o Crucificado-Ressuscitado possibilita a vivência a Palavra de Deus com os seus ensinamentos, permite o exercício da caridade e realiza o caminho da santidade e conversão.

Aparecida expressa ainda que “a Eucaristia é o lugar privilegiado do encontro do discípulo com Jesus Cristo. Com este Sacramento, Jesus nos atrai para si e nos faz entrar em seu dinamismo em relação a Deus e ao próximo” (DAp,251). Na Celebração Eucarística, deveras, “existe um estreito vínculo entre as três dimensões da vocação cristã: crer, celebrar e viver o mistério de Jesus Cristo, de tal modo que a existência cristã adquira verdadeiramente forma eucarística” (DAp,251). Cristo alimenta a sua Igreja e a impulsiona ao estado permanente de missão pela escuta da Palavra, pela participação nos sacramentos e fraternidade comunitária, pois, com efeito, “na Eucaristia e em todos os sacramentos é-nos garantida a possibilidade de encontrar o Senhor Jesus e de ser alcançados pela potência da sua Páscoa” (DD,11).

Se bem observado, encontra-se o papel messiânico sacerdotal na cristologia do encontro na liturgia, isso porque Cristo é a figura plena da transmissão da revelação divina (DV,2) e da concretização salvífica do homem (LG,3; SC,5-6). Outrossim, “qualquer celebração litúrgica é, por ser obra de Cristo sacerdote e do seu Corpo que é a Igreja, ação sagrada por excelência, cuja eficácia não é igualada por nenhuma outra ação da Igreja” (SC,7). O encontro com Cristo Sumo e Eterno Sacerdote nas ações litúrgicas tem como consequência o despertar para a responsabilidade da missão, da caridade e do anúncio – uma vez que ele é o libertador de toda forma de opressão.

A liturgia, no entanto, está condicionada a dois caminhos complementares que permitem a um encontro com Jesus: Aparecida chama-nos a atenção para as práticas de oração particular e para a comunitária. A oração pessoal torna-se o itinerário próprio para uma relação pessoal com Jesus, algo íntimo e venturado, um

relacionamento de amizade⁴³ e de comunhão de valores – com efeito, “a oração diária é sinal do primado da graça no caminho do discípulo missionário” (DAp,255). Entende-se que Cristo é humano, sua encarnação é crença nuclear dos discípulos – conforme declara as diversas declarações magisteriais – que possibilita a existência da relação de amizade e fraternidade entre Deus e o homem; e, por consequência, do homem com o próprio homem para manifestar Deus.

Enquanto na oração comunitária, “Jesus está presente em meio a uma comunidade viva na fé e no amor fraterno” (DAp,256). O ato público da manifestação da fé da Igreja pelas ações litúrgicas congrega não somente os fiéis, mas os impulsionam a viver na graça do Crucificado-Ressuscitado, experimentando de sua força e testemunhando a sua eficácia no mundo.

Na cristologia do encontro na liturgia comunitária, os cristãos são estimulados a se nutrir das mesmas perspectivas de Cristo Sacerdote. De fato, a presença cristocêntrica nas ações litúrgicas

está naqueles que dão testemunho de luta pela justiça, pela paz e pelo bem comum, algumas vezes chegando a entregar a própria vida em todos os acontecimentos da vida de nossos povos, que nos convidam a procurar um mundo mais justo e mais fraterno, em toda realidade humana, cujos limites às vezes causam dor e nos agoniam (DAp,256).

4.4 A cristologia do discipulado

Sobre um tema nuclear de Aparecida – o do discipulado – compreende-se que “a própria natureza do cristianismo consiste em reconhecer a presença de Jesus Cristo e segui-lo” (DAp,244). O discípulo, pelo termo que a palavra exprime, é “pessoa que segue as doutrinas de outrem” ou “aquele que recebe alguma instrução”. Deveras, a figura paradigmática do discípulo é constada desde os registros de notáveis da Antiguidade, como Pitágoras, Aristóteles ou Sócrates.

Uma vez que se acredita que Jesus é a Verdade, haverá pessoas que seguirão seus ensinamentos e ações, tornando-se discípulo⁴⁴. O cristão é um discípulo de

⁴³ Rememora-se o elogio de Jesus a seus discípulos: “já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que o seu senhor faz, mas vos chamo amigos” (Jo 15,15).

⁴⁴ O Documento de Aparecida define discípulo de Cristo ao expressar que “o acontecimento de Cristo é, portanto, o início do sujeito novo que surge na história e a quem chamamos discípulo” (DAp,243).

Cristo e “não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas através do encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva” (DAp,243). Cristo é o arquétipo perfeito e, sendo “Jesus, mestre e modelo divino de toda a perfeição, pregou a santidade de vida, de que Ele é autor e consumidor, a todos e a cada um dos seus discípulos” (LG,40).

Por consequência, a relação e a vivência entre o Mestre e seus seguidores devem estar intrinsecamente unidas, a ponto de que “todos os discípulos procurem fazer sua a existência de Jesus e viver sua própria vida escondida na vida de Cristo (...) até se identificar profundamente com Ele” (DAp,256). A exemplo, se Cristo pregou e viveu o mandamento do amor, igualmente ele deve ser praticado pelos seus discípulos. Em outras palavras, o discípulo de Cristo será um outro Cristo⁴⁵.

Ocorre que, no discipulado, Jesus adverte que “quem não me ama, não guarda a minha palavra. E a palavra que escutais não é minha, mas do Pai que me enviou” (Jo 14,24) – ou seja, Cristo seria aquele que transmitiria algo que seria propriamente de Deus, do Pai, algo que é referenciado nas Escrituras como a obediência de Cristo na sua missão⁴⁶.

Cristo obediente é uma marca presente no Documento de Aparecida. Ao indiciar sobre a comunhão que o discípulo deve ter com o seu Mestre, o Documento expressa que “Jesus faz dos discípulos seus familiares, porque compartilha com eles a mesma vida que procede do Pai e lhes pede, como discípulos, uma união íntima com Ele e obediência à Palavra do Pai” (DAp,133). O que constaria, nesse sentido, a obediência de Jesus ao Pai? Aparecida responde⁴⁷ que a obediência filial de Cristo está na manifestação da “sua compaixão entranhável frente à dor humana, sua proximidade aos pobres e aos pequenos, sua fidelidade à missão encomendada, seu amor serviçal até à doação de sua vida⁴⁸” (DAp,139) – o que seria, sumariamente, a missão messiânica de Jesus entre os homens.

Não obstante, Aparecida conclui que, “como filhos obedientes à voz do Pai, deve-se escutar a Jesus porque Ele é o único Mestre” (DAp,103). E, por efeito, “como

⁴⁵ Em síntese, “o discípulo é alguém apaixonado por Cristo, a quem reconhece como o mestre que o conduz e acompanha” (DAp,277).

⁴⁶ Conceito presente nas perícopes de Jo 5,19-20; Fl 2,8 e Hb 5,8.

⁴⁷ Para bem compreender os referidos condicionais, Aparecida recorrerá à mensagem das Bem-aventuranças para entender a missão de Jesus e o realizar do designo do Pai.

⁴⁸ Aparecida ainda entende que, no cumprimento filial de Cristo à da vontade de Deus, “o mistério pascal de Jesus é o ato de obediência e amor ao Pai e de entrega por todos seus irmãos” (DAp,143).

o amor pelo Pai levava Jesus a alimentar-se da sua vontade, assim o nosso amor [de discípulos] por Jesus se demonstra na obediência pelas suas palavras” (DSIVC,4). A cristologia do discipulado nos demonstra que, na obediência de Cristo, somos obedientes ao Pai; e se existem discípulos de Cristo é porque Jesus cumpriu primeiramente a vontade de Deus.

4.5 A cristologia da missionalidade

É sabido que “a Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na ‘missão’ do Filho e do Espírito Santo” (AG,2). O Filho é missionário, enviado pelo Pai, para “anunciar a Boa Nova aos pobres; enviado para proclamar a libertação aos cativos e aos cegos a recuperação da vista e para libertar os oprimidos” (Lc 4,18-19). Por efeito, “não é possível compreender e viver a missão, senão na referência a Cristo, como Aquele que foi enviado para evangelizar” (RM,88).

O Papa Paulo VI recorda-nos que “o próprio Jesus foi o primeiro e o maior dos evangelizadores” (EN,7). Ao nos depararmos com os registros do Evangelho, verifica-se o condicional de Jesus da qual ele devia anunciar a Boa Nova do Reino de Deus, até porque foi para isso que ele foi enviado (Lc 4,43). De fato, “quando Jesus fala de si mesmo, designa-se como um ‘enviado’. Nesse contexto, Jesus invoca a sua missão (“fui enviado”; “o meu Pai me enviou...”) nada menos que 40 vezes” (COMBLIN, 1973, p.17).

Assim, por efeito, nos registros de Jesus de Nazaré, deparamo-nos com suas ações missionárias de andar pelas diversas cidades – não somente as de sua própria religiosidade – e no contato com diversos grupos sociais, em especial com os mais pobres e sofredores. Na missão de Jesus era concebida a crença da vinda do Reino de Deus no anúncio de uma boa notícia: os oprimidos seriam dignificados e a caridade seria o critério determinante para a prática das ações dos seus adeptos. A missão de Jesus culmina na sua morte e ressurreição com o envio dos seus discípulos para o anúncio de igual boa notícia.

Nesse contexto, conseqüentemente, “o discípulo missionário há de ser um homem ou uma mulher que torna visível o amor misericordioso do Pai, especialmente para com os pobres e pecadores” (DAp,147): o estado permanente de missão é a

prática que os cristãos devem realizar para que o mundo creia, pois, uma vez que Cristo fora missionário⁴⁹, os cristãos também o devem ser.

Torna-se interessante salientar que “a evangelização dos pobres foi para Jesus um dos sinais messiânicos e será também para nós sinal de autenticidade evangélica” (DPb,1130). Ora, nos Evangelhos, os sinais de que identificavam Jesus como messias eram dos seus encontros transformadores com os sofredores, fazendo a comunidade exprimir que “um grande profeta surgiu entre eles e que Deus visitara o seu povo” (Lc 7,16). Paralelamente, Jesus é dito como “Filho do Homem” pelos sinais realizados, figura essa que – como visto anteriormente – evoca as qualidades daquele que trará a justiça e paz prometida outrora por Deus. De fato, Jesus, na sua missão de anunciar a Boa Nova, manifesta a justiça, a paz e a prática do amor de Deus.

Por consequência, Bento XVI recorda que “o discípulo se sente motivado a levar a Boa Nova da salvação a seus irmãos” (DSIVC,3). Isso porque a experiência com Jesus é transformadora; muda o comportamento a ponto de tornar-se anunciador daquele que o revolucionou⁵⁰. Por efeito, ao “escutamos Jesus como comunidade de discípulos missionários que experimentaram o encontro vivo com Ele” (DAp,364), Aparecida manifesta que a missionariedade é resultado de um encontro pessoal com Jesus Cristo⁵¹ e, uma vez que ele mesmo foi um enviado pelo Pai, envia os seus a anunciá-lo ao mundo.

4.6 Cristologia de Aparecida na Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe

Nos clamores oriundos das diretrizes do Papa Francisco e configurados pela revalorização do processo sinodal, o Conselho CELAM promoveu a Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e Caribe dos dias 21 a 28 de novembro de 2021 na Cidade do México. A iniciativa, realizada de forma inédita no continente, visou

⁴⁹ Conforme Aparecida define no número 177 do Documento final.

⁵⁰ Aqui podemos salientar a bela exortação de Aparecida, da qual “Jesus Cristo seja encontrado, seguido, amado, adorado, anunciado e comunicado a todos. Este é o melhor serviço – o seu serviço! – que a Igreja deve oferecer às pessoas e nações” (DAp,14).

⁵¹ Nessa concepção, o Papa Francisco expressa de forma assertiva que “a intimidade da Igreja com Jesus é uma intimidade itinerante e a comunhão reveste essencialmente a forma de comunhão missionária” (EG,23).

atender um pedido especial do Sumo Pontífice⁵². Em suma, “o objetivo [da Assembleia] é ‘reanimar Aparecida’, a Conferência que reafirmou a renovação do Concílio, e dar um novo passo na recepção do Vaticano II pelo magistério do Papa Francisco” (RPIAE,2).

Como se trata de um documento de temática estritamente pastoral – e, por consequência, eclesiológico –, o resultado da I Assembleia contém a cristologia de Aparecida implícita em seu conteúdo. O conceito do Ressuscitado tão presente no Documento da V Conferência foi resgatado pelas reflexões da Assembleia, como também uma tentativa de revalorizar o Cristo nos pobres e sofredores. Ainda, o termo chave “discípulos missionários” foi novamente evocado para a configuração dos batizados e a proposta de escuta e participação nortearam as reflexões da Assembleia.

A respeito da cristologia de Aparecida, o Documento da Assembleia assimila o apelo à libertação integral dos mais sofredores ao Cristo pobre, do qual “a fé cristológica no Deus que se tornou pobre para nós, a fim de nos enriquecer com sua pobreza⁵³” (RPIAE,331). A opção preferencial pelos mais pobres é abordada timidamente pelas colocações da Assembleia, fazendo sempre referência ao pressuposto de um Cristo sofredor presente no povo sofredor. Enquanto a compreensão de Cristo ressuscitado é referida nas ações litúrgicas da Igreja na América Latina e Caribe (RPIAE,287).

Além, a ideia da cristologia do encontro é trabalhada no Documento da Assembleia⁵⁴ com “o encontro com Cristo é o critério fundamental para o discernimento e planejamento de toda atividade evangelizadora” (RPIAE,244). Ainda, “Cristo é o Caminho de Deus para o homem e do homem para Deus no coração da história” (RPIAE,129). Conquanto, as cristologias do discipulado⁵⁵ e da

⁵² Inicialmente, os membros do CELAM desejavam realizar uma VI Conferência Geral do Episcopado. Entretanto, “profeticamente, o Papa Francisco propôs dar lugar a um processo mais de acordo com os tempos atuais: realizar um encontro eclesial e sinodal, onde todo o Povo de Deus pudesse participar e se expressar, olhando e discernindo em profundidade a rápida e transcendental evolução da América Latina e do Caribe nos tempos atuais, a fim de assumir novos desafios pastorais” (RPIAE,apres.).

⁵³ Compreensão referenciada em DAp,392.

⁵⁴ Sobre tudo no subcapítulo intitulado de “experiência pessoal de encontro com Cristo presente na história”.

⁵⁵ Como visto nas reflexões da cristologia do discipulado nos números 155 e 185 do Documento da Assembleia Eclesial.

missionalidade⁵⁶ são resgatadas nas reflexões do Documento da Assembleia pelo conceito de “discípulos missionários”.

A temática muito presente no Documento final da Assembleia – e que está subentendido no Documento de Aparecida – é a temática sinodal. Além do seu aspecto eclesiológico, “a sinodalidade nos conduz a caminhar juntos com os povos pobres e os pobres dos povos porque a mesma união a Jesus Cristo é a que nos faz amigos dos pobres e solidários com seu destino⁵⁷” (RPIAE,174) – lembrando a cristologia do encontro com os mais pobres e sustentando uma experiência transformadora com a sua pessoa.

Assim, pode-se compreender que os elementos cristológicos de Aparecida contribuíram para as reflexões ainda recente do episcopado latino-americano e caribenho, contribuindo para a configuração de Igreja e no enfrentamento das problemáticas presentes no continente.

⁵⁶ Jesus é compreendido como “Cristo missionário do Pai” (RPIAE,150) pelo Documento da Assembleia, conforme reflexão realizada pelo presente trabalho.

⁵⁷ Com clara referência a DAP,257.

5 CONCLUSÃO

Esplanadas as argumentações a respeito da cristologia em Aparecida, resta-nos realizar as considerações pertinentes nas proposições expostas no presente trabalho. Em primeiro lugar, deve-se considerar que a pesquisa aqui exposta se empenhou em, deveras, encontrar os aspectos cristológicos redigidos no Documento de Aparecida.

Além, deve-se reconhecer o empenho trazido no trabalho em afirmar a relevância atual de Aparecida, com base, nas consequências pastorais de sua celebração e no parecer das fontes primárias de quem dela participou. É evidente que Aparecida apresenta uma expressividade assertiva, provocativa e profética aos nossos tempos; responde e impulsiona ações pastorais e missionárias para a Igreja na América Latina e do Caribe nos dias de hoje – e por isso, de certa forma, o Papa Francisco ainda a quer vigorante.

Entretanto, Aparecida não foi um resultado espontâneo, mas a síntese de um processo reflexivo magisterial da Igreja latino-americana – dado, como visto no trabalho, desde a criação do CELAM. As temáticas sobre a espiritualidade, a questão social, a missão e a pastoral perpetuaram nas discussões das Conferências celebradas e obtiveram a continuidade em Aparecida. Logo, não se pode compreender a V Conferência sem assimilar as conferências antecedentes.

Dar a conhecer sobre a elaboração de Aparecida foi um processo significativo de ser entendido para assimilar o seu texto. Indiscutivelmente, o discurso inaugural do Papa Bento XVI foi impactante para os trabalhos do episcopado. Além, profeticamente, o cardeal Jorge Mario Bergoglio, que também esteve à frente das discussões, influenciou as conclusões dos trabalhos e, futuramente, o seu próprio pontificado foi influenciado pelas reflexões que ele mesmo auxiliou nas articulações.

Por consequência, Aparecida não fica isenta de uma análise crítica em seu conteúdo, pois ela realiza compreensões de continuidade e descontinuidade em sua teologia. O retorno ao método “ver-julgar-agir” abandonada na Conferência precedente é avaliado como um aspecto positivo de atuação na realidade e o advento do conceito “discípulo missionário” são as grandes heranças de Aparecida. Entretanto, o enfraquecimento da defesa das comunidades eclesiais de bases e da causa social são as grandes críticas realizadas a respeito do Documento final, além do declínio da concepção do Cristo mártir e sofredor.

Tais implicações resultam na compreensão cristológica em Aparecida, pois, axiomáticamente, percebe-se de forma explícita a relação entre a cristologia e eclesiologia. Há de se recordar a redação do breve histórico sobre a construção da cristologia ao longo da história do cristianismo apresentado no presente trabalho, uma vez que, para se entender Cristo em Aparecida, é necessário compreender Cristo na teologia cristã.

A valer, as figuras verotestamentárias prefigurativas e as construções cristológicas primitivas tornaram-se as bases do entendimento sobre Jesus Cristo em Aparecida, além das colaborações magisteriais, conciliares e teológicas ao longo da história eclesial. Porém, indiscutivelmente, a teologia latino-americana, ascendida após o Concílio Vaticano II, é o âmago da cristologia presente no Documento final da V Conferência – conquanto, é certo que, sem entender os grandes teólogos da América Latina e sem assimilar a realidade própria existente no continente, não há de se entender o ser Igreja, o ser de Cristo e, por consequência, tornar-se discípulo missionário.

Como assimilado presente trabalho, em Aparecida a cristologia concentrar-se-á em três grandes vertentes: a cristologia de Jesus Caminho, Verdade e Vida; a cristologia do encontro; e a cristologia do discípulo missionário. Essas, correlacionadas entre si, definem um itinerário para a experiência íntima e comunitária com Jesus, além de compreendê-lo na teologia edificada na V Conferência.

A começar, torna-se propício descrever a cristologia do encontro, pois nela que se pode realizar a vivência única e transformadora com a pessoa de Jesus Cristo. Com base em reflexões antecedentes do magistério universal, Aparecida definiu que Jesus pode e quer ser encontrado em diferentes âmbitos da realidade. Assim, pode se encontrar Jesus nos pobres, na liturgia, na oração particular e na ação humana. Desejar encontrar o Messias, o Cristo, foi o desejo antiquíssimo do povo de Deus e em Aparecida ele deixa ser desvelado nos acontecimentos humanos. Tal condicional acentua-nos que a imanência de Deus é um princípio essencial da cristologia em Aparecida, sendo ele o ponto de partida e de chegada para ter-se um encontro real com Jesus de Nazaré Crucificado-Ressuscitado.

A partir disso, desenvolve-se o entendimento da cristologia de Jesus sendo Caminho, Verdade e Vida. A tríade de epítetos autorreferências de Jesus demonstram que o Cristo é aquele que é o caminho, a via para o Pai e seu projeto de salvação; sendo o Cristo também aquele que é testemunha da Verdade – verdade essa

expressa nas ações proféticas em defesa da vida –; e, por consequência, Jesus é Vida para aqueles que precisam de um impulso existencial em sua condição humana.

Por fim, a cristologia do discípulo missionário é aquela que mais apreende da concepção eclesiológica de Aparecida. Jesus, aquele que aprende com o Pai e transmite seu ensinamento ao mundo, torna-se um arquétipo definitivo para a Igreja na América Latina na sua missão de seguir, aprender e comunicar a mesma mensagem que seu Mestre. Reconhecer que a Igreja deve anunciar a pessoa de Jesus, suas ações e seu projeto, deve ser a nuclear razão do apostolado dos discípulos missionários de Cristo.

Outrossim, aproveitou-se a oportunidade para reconhecer essas mesmas cristologias de Aparecida na conclusão dos trabalhos da Primeira Assembleia Eclesial promovida na América Latina e no Caribe. Percebe-se que, de fato, foi assertiva as análises sobre a pessoa de Jesus exposta nesse trabalho, pois todas elas encontram-se implicitamente no referido do Documento do CELAM. Jesus é, de fato, um marco na vida de todo aquele que o encontra; que o vivencia como um caminho de fé, um paradigma de verdade, um impulso para a defesa da vida; e deixa-se conduzir em ser um discípulo seu e anunciador do mandamento perfeito do amor.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Antônio José de; BRIGHENTI, Agenor; PASSOS, João Décio (orgs.). Primeira Conferência Geral dos Bispos da América Latina: Rio de Janeiro, 1955. **Compêndio das Conferências dos Bispos da América Latina e Caribe**. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2018.

ARANGUREN, Emilio. O Documento de Aparecida realça a fé do povo simples como a grande riqueza da América Latina. [Entrevista cedida a] IHU Online. **Revista Instituto Humanitas / Unisinos**. São Leopoldo, n. 224, 20 jun. 2007. Disponível em: <https://bityli.com/YpSmIKAa>. Acesso em 02 out. 2022.

ARAÚJO, Gilvan Leite de; SILVA, Maria Freire da. A Trindade no Apocalipse de São João. **Revista de Cultura Teológica**, v.16, n.63, out/dez. 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15502/11581>. Acesso em 6 dez. 2022.

BENTO XVI. **Discurso da Sessão inaugural dos trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_be-n-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html. Acesso em: 21 set. 2022.

BÍBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém. 19ª edição. São Paulo: Paulus, 2019.

BOFF, Clodovis. “O Documento de Aparecida é o ponto mais alto do Magistério da Igreja latino-americana e caribenha”. [Entrevista cedida a] IHU Online. **Revista Instituto Humanitas / Unisinos**, São Leopoldo, n. 225, 20 jun. 2008. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/1037-clodovis-boff>. Acesso em: 21 set. 2022.

BRIGHENTI, Agenor. O Documento de Preparação da V Conferência: apresentação e comentário analítico. Petrópolis. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v.42, n.3, p. 111-136, abr. 2006.

BRIGHENTI, Agenor. **Para compreender o Documento de Aparecida: o pré-texto, o con-texto e o texto**. São Paulo: Paulus, 2008.

CALIMAN, Cleto. Conclusões de Santo Domingo: roteiro de estudo. **Convergência**, v.28, n. 262, maio 1993. Disponível em: https://crbnacional.org.br/wp-content/uploads/1993/08/convergencia_262.pdf. Acesso em 16 nov. 2022.

CASTILLO, José M. **A ética de Cristo**. Trad. Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Loyola, 2010.

CELAM. **Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. São Paulo: Edições CNBB/Paulus/Paulinas, 2008.

CELAM. **Documentos do CELAM: conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo**. São Paulo: Paulus, 2004.

CELAM. **Rumo à V Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe:** documento de participação. São Paulo: Paulus/Paulinas, 2006.

CODINA, Victor; VIGIL, José Maria (org.). Os pobres, a Igreja e a teologia. **Descer da Cruz os Pobres:** Cristologia da Libertação. Trad. Vera Ivanise Bombonato. São Paulo: Paulinas, 2007.

COMBLIN, José. **Teologia da Missão.** Petrópolis: Vozes, 1973.

COMBLIN, José; TOMITA, Luiza Etsuko; BARROS, Marcelo; VIGIL, José Maria (orgs.). Jesus Libertador numa visão da teologia pluralista. **Teologia latino-americana pluralista da libertação.** São Paulo: Paulinas, 2006.

CONRADO, Sérgio. O planejamento pastoral à luz do Documento de Aparecida. **Revista de Cultura Teológica**, v. 16, n. 64, jul/set. 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15520>. Acesso em 03 out. 2022.

COSTADOALT, Jorge; SOUZA, Ney de (org.). La Encarnación como inculturación: cristología de Santo Domingo. **Santo Domingo:** evangelização entre integração e inculturação. Petrópolis: Vozes, 2022.

CULLMANN, Oscar. **Cristologia do Novo Testamento.** Trad. de Daniel Costa e Daniel de Oliveira. São Paulo: Editora Liber, 2001.

DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral.** Trad. José Marino e Johan Konings. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2007.

DUPUIS, Jacques. **Introdução à cristologia.** Trad. de Aldo Vannucchi. São Paulo: Loyola, 1999.

FARIAS, Diego. Aparecida. Depois da homilia aplausos para Bergoglio. [Entrevista cedida a] Lucia Capuzzi/IHU Online. **Revista Instituto Humanitas / Unisinos.** Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/espiritualidade/78-noticias/568255-aparecida-depois-da-homilia-aplausos-para-bergoglio>. Acesso em 25 set. 2022.

FARIAS, Diego. No pontificado de Francisco, o vento de Aparecida, 10 anos depois. [Entrevista cedida a] revista La Civiltà Cattolica/IHU Online. **Revista Instituto Humanitas / Unisinos.** Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/sobre-o-ihu/78-noticias/568196-no-pontificado-de-francisco-o-vento-de-aparecida-10-anos-depois>. Acesso em 25 set. 2022.

FEITOSA, Fábio Pereira. O Concílio Ecumênico Vaticano II e a opção preferencial pelos pobres. **Revista Instituto Humanitas / Unisinos.** Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/588132-o-concilio-ecumenico-vaticano-ii-e-a-opcao-preferencial-pelos-pobres>. Acesso em 12 dez. 2022.

FERRARO, Benedito. **Cristologia.** Petrópolis: Vozes, 2004.

FONSECA, Devair Araújo de. O surgimento do CELAM na América Latina. **Revista Brasileira de História das Religiões/ANPUH** - Anais do II Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades. Maringá, v. 1, n. 3, 2009. ISSN 1983-2859. Disponível em: http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/rbhr/o_surgimento_do_celam_na_america_latina.pdf. Acesso em: 1 set. 2022.

FORTE, Bruno. **Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história**: ensaio de uma cristologia como história. Trad. de Luiz João Gaio. São Paulo: Paulinas, 1985.

FRANCISCO. Encíclica **Fratelli Tutti**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 29 set. 2022.

FRANCISCO. Exortação apostólica **Evangelii gaudium**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 23 set. 2022.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Pobres e libertação em Puebla**. São Paulo: Paulinas, 1980.

HILGERT, Pedro Ramão. **Jesus histórico**: ponto de partida da cristologia latino-americana. Petrópolis: Vozes, 1987.

JOÃO PAULO II. Carta Apostólica **Novo Millennio Ineunte**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html. Acesso em: 25 jan. 2023.

JOÃO PAULO II. Carta Encíclica **Redemptoris Missio**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html. Acesso em: 14 jan. 2023.

JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal **Ecclesia in América**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_22011999_ecclesia-in-america.html. Acesso em: 6 set. 2022.

KELLER, Miguel Angel; BRIGHENTI, Agenor; PASSOS, João Décio (orgs.). Primeira Conferência Geral dos Bispos da América Latina: Rio de Janeiro, 1955. **Compêndio das Conferências dos Bispos da América Latina e Caribe**. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2018.

KLOPPENBURG, Boaventura. **Documentos do Vaticano II**: Constituições, Decretos e Declarações. Edição bilíngue com texto português revisto pelos secretários da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Petrópolis: Vozes, 1966.

KLOPPENBURG, Boaventura. **Jesus Cristo**: Caminho, Verdade, Vida – Trilogia de Puebla: Cristo Igreja Homem. São Paulo: Paulinas, 1983.

LIBANIO, João Batista. Conferência de Aparecida. **Vida Pastoral**. São Paulo: Paulis, n. 275, p. 20-26, mar-abr. 2008.

LIBANIO, João Batista. **Introdução à Teologia Fundamental**. São Paulo: Paulus, 2014.

LIBANIO, João Batista. **Linguagens sobre Jesus: de Cristo carpinteiro a Cristo cósmico**. São Paulo: Paulus, 2013.

LOURENÇO, Vitor Hugo. A "opção preferencial pelos pobres" como chave hermenêutica da Exortação Apostólica *Evanegelii Gaudium*. **Revista de Cultura Teológica**, v.25, n.89, jan/jun. 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/rct.i89.31591/pdf>. Acesso em 12 dez. 2022.

MANZATTO, Antonio. As primeiras conferências do CELAM. **Vida Pastoral**. São Paulo: Paulus, n.249, p. 3-8, set-out. 2006.

MANZATTO, Antonio; SOUZA, Ney de (org.). *Cristologia latino-americana*. **Temas da teologia latino-americana**. São Paulo: Paulinas, 2007.

MAZZAROLO, Isodoro. As Sete Bem-aventuranças no Apocalipse. **Revista de Cultura Teológica**, v.16, n.63, abr/jun. 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15613/11642>. Acesso em 9 dez. 2022.

MIRANDA, Mario de França. O Documento de Aparecida realça a fé do povo simples como a grande riqueza da América Latina. [Entrevista cedida a] IHU Online. **Revista Instituto Humanitas / Unisinos**. São Leopoldo, n. 224, 18 jun. 2007. Disponível em: <https://bityli.com/YpSmIKAA>. Acesso em 02 out. 2022.

MORÁS, Francisco. Evangelização das classes médias e solidariedade com os pobres: o legado de Medellín. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v.58, n. 232, dez. 1998. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/2340/2026>. Acesso em 25 nov. 2022.

MOURA, Rogério Lima de. Levitas e sacerdotes: conflitos e busca do controle no templo na cidade de Jerusalém nos séculos VII/V AEC. **Revista Nures**, v. 10, n.28, set/dez. 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/nures/article/download/27432/19419/72119>. Acesso em: 12 dez. 2022.

NEGRO, Mauro. Profetas e Profetismo: Identidade e Missão. **Revista de Cultura Teológica**, v.17, n.67, abr/jun. 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/download/15459/11558>. Acesso em 14 nov. 2022.

PASSOS, João Décio; SOUZA, Ney de; SBARDELOTTI, Emerson (orgs.). 50 anos de Medellín: carisma vivo na história em mudança. **Medellín: memória, profetismo e esperança na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 2018.

PAULO VI. Exortação apostólica *Evangelií nuntiandi*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelií-nuntiandi.html. Acesso em: 29 jan. 2023.

PIO XII. Carta Apostólica **Ad Ecclesiam Christi**. Disponível em https://www.vatican.va/content/pius-xii/es/apost_letters/documents/hf_p-xii_apl_19550629_ad-ecclesiam-christi.html. Acesso em: 1 set. 2022.

PIXLEY, Jorge; BOFF, Clodovis. **Opção pelos pobres**. Petrópolis: Vozes, 1986.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **A Interpretação da Bíblia na Igreja**. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/pcb_documents/rc_con_cfaith_doc_19930415_interpretazione_po.html. Acesso em 16 dez. 2022.

RAHNER, Karl. **Curso fundamental da fé**: introdução ao conceito de cristianismo. Tradução Alberto Costa. São Paulo: Paulinas, 1989.

RAMAZZINI, Álvaro Leonel. A comoção que surgiu de Aparecida: 15 anos de desafios. [Entrevista cedida a] Ángel Alberto Morillo. **Missão CELAM**. Disponível em: https://www.celam.org/docs/Mision_Celam_05p.pdf. Acesso em 01 out. 2022.

RATZINGER, Joseph. **Jesus de Nazaré**: do batismo no Jordão à transfiguração. Trad. de José Jacinto Ferreira de Farias. São Paulo: Planeta, 2020.

RIBEIRO, Ari Luís do Vale. Jesus e os movimentos messiânicos. **Revista de Cultura Teológica**, v. 17, n. 66, jan/mar 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/viewFile/15490/11569>. Acesso em 03 nov. 2022.

RICHARD, Pablo; AMERINDIA (org.). Terminou a V Conferência em Aparecida. Será possível, agora, construir um novo modelo de Igreja?. **V Conferência de Aparecida**: renascer de uma esperança. Trad. Luís Marcos Sander. São Paulo: Paulinas, 2008.

SOBRINO, Joh; VIGIL, José Maria (org.). Epílogo. **Descer da Cruz os Pobres**: Cristologia da Libertação. Trad. Vera Ivanise Bombonato. São Paulo: Paulinas, 2007. SOBRINO, Jon. **Cristologia a partir da América Latina**. Trad. de Orlando Bernardi. Petrópolis: Vozes, 1983.

SOUZA, Ney de. Do Rio de Janeiro à Aparecida: um olhar sobre as Conferências Gerais do Episcopado da América Latina e do Caribe. **Revista de Cultura Teológica**, v.16, n.64, jul/set. 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15533/11599>. Acesso em 19 dez. 2022.

SOUZA, Ney de. **História da Igreja na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 2022.

TABORDA, Francisco. Santo Domingo: um primeiro balanço. **Convergência**, v.28, n.264, jul/ago 1993. Disponível em: https://crbnacional.org.br/wp-content/uploads/1993/08/convergencia_264.pdf. Acesso em 28 nov. 2022.

TOMÁS DE AQUINO, Santo. **Suma Teológica**. Volume 1: la Pars. Tradução de Alexandre Correia. 4ª edição. Campinas: Ecclesiae, 2016.

VIGIL, José Maria. Cristologias contingentes. **Descer da Cruz os Pobres**: Cristologia da Libertação. Trad. Fernando Altemeyer Jr.. São Paulo: Paulinas, 2007.

VILLAMÁN, Marcos; SOTER; AMERÍNDIA (org.). América Latina: injustiça, exclusão social e democracia. **Caminhos da Igreja na América Latina e no Caribe**: novos desafios. São Paulo: Paulinas, 2006.

WEGEL, Karl Heinz. **Karl Rahner**: uma introdução ao seu pensamento teológico. São Paulo: Loyola, 1981.

ZUGNO, Luiz Vanildo. A Cristologia das Conferências do Celam. **Revista Instituto Humanitas / Unisinos**, v.5, n.43, jul. 2008. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/043cadernosteologipublica.pdf>. Acesso em 18 nov. 2022.